



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

LORIANA SOARES DA SILVA ARRUDA MELO

**A AUTOPERCEÇÃO DO ALUNO E DA FAMÍLIA SOBRE AS DIFICULDADES DE
ESCRITA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ARAGUAÍNA**

ARAGUAÍNA/TO
2019

LORIANA SOARES DA SILVA ARRUDA MELO

**A AUTOPERCEPÇÃO DO ALUNO E DA FAMÍLIA SOBRE AS DIFICULDADES DE
ESCRITA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ARAGUAÍNA**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras
Língua Portuguesa para obtenção do título de
graduada e aprovada em sua forma final pelo
Orientador e pela Banca Examinadora.

Profa. orientadora Dra. Thelma Pontes Borges.

ARAGUAÍNA/TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M528a Melo, Lorianas Soares Da Silva Arruda .
 A AUTOPERCEPÇÃO DO ALUNO E DA FAMÍLIA SOBRE AS
 DIFICULDADES DE ESCRITA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
 ARAGUAINA. / Lorianas Soares Da Silva Arruda Melo. – Araguaína, TO,
 2019.
 98 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
 Orientadora : Thelma Pontes Borges

 1. Leitura. 2. Escrita. 3. Vulnerabilidade social. 4. Pesquisa qualitativa. I.
 Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LORIANA SOARES DA SILVA ARRUDA MELO

**A AUTOPERCEPÇÃO DO ALUNO E DA FAMÍLIA SOBRE AS DIFICULDADES DE
ESCRITA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ARAGUAINA**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína – TO, Curso de Letras Português para obtenção do título de Graduada em Letras Língua Portuguesa, e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. (a). Thelma Pontes Borges - UFT
Orientador UFT

Prof. Dr. (a) Luiza Helena Oliveira da Silva - UFT
Examinador (a)

Prof. Dr. (a) Vilma Nunes da Silva Fonseca – UFT
Examinador (a)

ARAGUAÍNA/TO
2019

Dedico este trabalho à Romário e Gabriel (meu esposo e meu filho), pelo apoio e compreensão que tiveram durante todos esses dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me proporcionado ao longo da vida muita saúde, e me dar força para lutar e alcançar meus objetivos.

Agradeço a minha mãe, Creusa Soares da Silva, e a minha vó, Rosilda Fernandes da Silva, mulheres que mesmo sem estudo, acreditavam na educação como aparato para vida futura; por acreditarem em mim, por sua dedicação, e por me oferecerem conselhos muito valiosos para que pudesse continuar lutando para concretizar meu sonho.

Aos meus irmãos, Maria Aparecida, Elson, João Batista, Antônio Neto e Edivan, que sempre apoiaram em meus estudos. Obrigada por todo o apoio que prestaram a mim.

A minha família em geral, pois sempre me incentivou, apoiou minhas escolhas, me deu palavras de conforto e incentivo.

A minha orientadora, Prof^a. Dr. Thelma Pontes Borges, pelo incentivo para realização deste trabalho. Por meio de sua orientação pude abstrair mais motivos para continuar meu trabalho, com você aprendi mais que lições de vida e levarei comigo por toda a vida. Não tenho palavras para expressar todo carinho e respeito que tenho por você. Deixo aqui meu muito obrigado por ter mostrado a mim, todo o potencial que eu mesma não conseguia enxergar, e agradeço por todo afeto para comigo durante este trabalho.

À minha amiga Ana Karla, por toda sua dedicação e apoio para realização deste trabalho.

À Josiane, Elizangêla e Morgana, amigas que conheci na graduação e que levarei por toda minha vida. Obrigada por acreditarem em mim e me prestarem apoio nas horas em que pensei em desistir.

A minha turma, com que, durante todo o meu percurso, tive o prazer de estar presente.

À Professora Dr^a. Vilma Nunes da Silva Fonseca, que sempre me motivou, com suas palavras de força e vigor. Agradeço todo conhecimento que me proporcionou com suas disciplinas e, também, por me orientar durante os períodos de Estágio Supervisionado. Meu muito obrigada, suas palavras afetuosas foram o suporte necessário para que eu chegasse até aqui.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras (UFT – Câmpus Araguaína). Por meio de vocês pude construir meu perfil como docente. Enfim, agradeço a todos que contribuíram, de forma direta, para realização desse trabalho.

Quero aqui agradecer aos alunos do oitavo ano, pois a contribuição de vocês para realização desta pesquisa foram de fundamental importância, pois sem a contribuição de vocês este trabalho não teria se realizado.

A pôr fim, quero agradecer aos pais dos alunos em meio a suas ocupações do dia-a-dia se dispuseram a contribuir para realização deste trabalho, suas contribuições durante processo de análise foram de maneira muito significativa para concretização do mesmo.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Com objetivo cultural, a escrita cumpre diversas funções de existência (FERREIRO, 2001, P.43)

RESUMO

A aprendizagem da escrita é fundamental para o desenvolvimento social e emocional de uma criança, além de ser base de conhecimento para as demais disciplinas. O não aprendizado da escrita acarreta inúmeras dificuldades e problemas que vão, desde a exclusão social à sensação de incapacidade. Assim, o trabalho tem por objetivo verificar a autopercepção de alunos e seus familiares acerca de suas dificuldades de escrita. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola pública de Araguaína/TO. Foram selecionados cinco alunos que se auto identificaram, através de um questionário, como tendo dificuldades para escrever, e um membro da família foi convidado a falar das dificuldades de seus filhos, ou seja, participaram da pesquisa cinco crianças e cinco pais. Para coletas de dados com as crianças utilizou-se de entrevista semidirigida, gravada e transcrita, foi solicitado que fizessem um desenho que representasse as dificuldades de escrita e que escrevessem uma história sobre como é ter dificuldades de escrita. Com os pais foi realizado entrevista semidirigida. Para análise dos resultados utilizou-se da técnica de análises de desenhos e para as entrevistas análise de conteúdo. Como resultados, as crianças demonstram saber a importância da aprendizagem da língua escrita e sua função social, demonstram estar alfabetizadas, porém com grandes dificuldades de uso da língua padrão. Também mostram, pelos desenhos e histórias, sofrerem com a situação e se sentirem inferiorizadas. Com relação aos pais, ainda existe pouca participação no universo da criança na escola e sobre o aprendizado de seu filho. Conclui-se que as crianças percebem que são afetadas pelas suas dificuldades e que os pais, apesar de reconhecerem a importância da escrita, participam pouco da vida escolar.

Palavras-chaves: Pesquisa qualitativa. Leitura. Escrita. Vulnerabilidade social.

ABSTRACT

Learning to write is fundamental to a child's social and emotional development, as well as being a knowledge base for other subjects. Failure to learn writing leads to numerous difficulties and problems ranging from social exclusion to a sense of disability. Thus, the work aims to verify the self-perception of students and their families about their writing difficulties. The qualitative research was conducted in an 8th grade class of a public school in Araguaína / TO, five students who identified themselves through a questionnaire as having difficulties to write, and one family member was invited to talk about their children's difficulties, that is, five children and five parents participated in the research. For data collection with the children, a semi-directed, recorded and transcribed interview was used. They were asked to draw a picture that represented writing difficulties and to write a story about what it is like to have writing difficulties. With the parents a semi-directed interview was conducted. For the analysis of the results we used the technique of drawing analysis and for the interviews content analysis. As a result, children demonstrate to know the importance of learning written language and its social function, demonstrate to be literate, but with great difficulties in using the standard language. They also show by their drawings and stories that they suffer from the situation and feel inferior. Regarding parents, there is still little participation in the child's universe at school and about their child's learning. It is concluded that children realize that they are affected by their difficulties and that parents, despite recognizing the importance of writing, participate little in school life.

Key-words: Qualitative research. Reading. Writing. Social vulnerability.

LISTA DE SIGLAS

UFT - Universidade Federal do Tocantins

ESC - Estágio Supervisionado Curricular

IDEB - Índice de Desenvolvimento da educação Básica

SAEB - Sistema Avaliação da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

PNAD – Pesquisa Nacional pós Amostra de Domiciliais

PPP – Projeto Político Pedagógico

ALE - Aprofundamento de Leitura e Escrita

CE – Cena Enunciativa

RP - Residência Pedagógica

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução do IDEB dos anos finais do EF.....	34
Quadro 2 - IDEB-Anos finais-2007-17/Região Norte.....	35
Quadro 3 - IDEB-Resultados e Metas	35
Quadro 4- IDEB-Escola Est. Jorge Amado, Série 8º e 9º ano.....	35
Quadro 5- Exemplos do cálculo do IDEB	36
Quadro 6 - Cronograma de aulas de regência e de coleta de informações	39
Quadro 7 - Estrutura Física do colégio.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Recorte do questionário.	43
Figura 2 - Recorte do questionário.	43
Figura 3 - Recorte do questionário.	44
Figura 4 - Recorte do questionário.	44
Figura 5 - Recorte do questionário.	45
Figura 6 – Desenho do primeiro aluno	46
Figura 7 – Desenho do segundo aluno.....	48
Figura 8 - Desenho do terceiro aluno	49
Figura 9 – Desenho do quarto aluno.....	51
Figura 10 – Desenho do quinto aluno	52
Figura 11 – Texto do primeiro aluno.....	54
Figura 12 – Texto do segundo aluno	55
Figura 13 – Texto do terceiro aluno	56
Figura 14 – Texto do quarto aluno	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - FUNÇÃO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA	17
1.1. Dificuldades de aprendizagem	26
1.2. Estudos sobre dificuldades de escrita	32
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E CAMPO DE PESQUISA	38
2.1. Caracterização da escola campo de pesquisa.....	39
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PESQUISA	42
3.1. Descrição e análise do instrumental com os cinco alunos	42
3.2. Descrição e análise dos textos e desenhos dos alunos	45
3.3. Descrição e análise de textos dos alunos	53
3.4. Resultados das entrevistas com os alunos.....	58
3.5. Resultado da entrevista realizada com os pais dos alunos	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

O tema proposto neste trabalho é “Autopercepção do aluno e da família sobre as dificuldades de escrita em uma escola pública de Araguaína”, e, assim, desenvolve uma pesquisa cuja intenção é contextualizar a temática, proporcionando um aprofundamento descritivo sobre o assunto. Este trabalho surgiu a partir de reflexões acerca de dificuldade em leitura e escrita, sendo de suma importância no âmbito escolar e nas relações sociais.

O interesse pelo tema partiu de questões pessoais, uma vez que, tanto eu quanto meu filho, temos dificuldades para escrever e isso mobilizou a procura por informações e compreensões dos porquês. Com relação à dificuldade na aprendizagem, por meio deste trabalho pude perceber que são diversos os fatores que levam a criança a tais dificuldades, envolvendo todo um contexto pelo qual foi possível compreensão, pois pude perceber que a dificuldade de leitura e escrita faz parte de um conjunto de práticas sociais que envolvem, tanto problemas psicológicos, quanto família, escola e aluno. Posso afirmar que, por meio do presente trabalho, sua contribuição para mim e meu filho foram de grande relevância, para compreensão de como essas dificuldades podem ser avaliadas e, por fim, na maioria dos casos superadas.

Devemos considerar que a aprendizagem da língua é um direito de todos e que cabe tanto à escola quanto à família a preocupação e o acompanhamento do processo. “Aprender a ler e escrever é um direito de todos, que precisa ser garantido por meio de uma prática educativa baseada em princípios relacionados a uma escola inclusiva. (BRASIL, 2012, p. 05), ou seja, ler e escrever é um direito de todos, e a prática da leitura e da escrita deve levar o aluno a construir diariamente, na relação escolar, conceitos de si próprio, leituras do mundo e as interações sociais. A aquisição da escrita é parte do caminho para conquista da cidadania e da participação social. Quem não sabe ler e escrever perde qualidade no envolvimento com a sociedade e na autonomia da própria vida.

Como abordado na lei, aprender a ler e escrever baseia-se em princípios relacionados a uma escola inclusiva, que oportunize a troca de saberes entre famílias, escolas e alunos e, assim, o ambiente escolar se torna favorável ao conhecimento. A escola é um ambiente importante na formação global do ser humano uma vez que o aluno passa parte de sua vida dentro deste ambiente.

Para a realização do trabalho foram feitos estudos bibliográficos, a fim de se estudar sobre o processo de aquisição da escrita, as dificuldades de aprendizagem e as

pesquisas já realizada. A pesquisa bibliográfica auxiliou na contextualização do tema e na compreensão da multiplicidade de fatores envolvidos no processo de aprendizagem. As fontes que serviram para abordar a questões investigada neste trabalho foram: Emília Ferreiro (1996), (1999), (200), (1985), Jane Correa (2012), Fermino Fernandes Sisto (2001), entre outros autores que contribuíram na fundamentação.

Para fins de pesquisa, cabe detalhar que é de cunho qualitativo e foi realizada com cinco alunos e os respectivos responsáveis em uma escola pública de Araguaína. Para averiguar a autopercepção de alunos e seus familiares sobre suas dificuldades de escrita, foram realizados para coleta de dados três procedimentos com as crianças, a saber, uma entrevista semidirigida, a realização de um desenho sobre como se sente uma criança que não sabe escrever e a escrita de uma história de alguém que tenha dificuldades de escrita. Com os responsáveis pela criança, foi realizado uma entrevista semidirigida.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, para além da introdução das considerações finais, das referências e dos apêndices. No primeiro capítulo, abordamos, sobre a função social, importância e o processo de aquisição da escrita pela visão de Emília Ferreiro. No segundo capítulo, contemplamos o debate sobre as Dificuldades de aprendizagem. No terceiro capítulo, debruçamo-nos sobre estudos sobre dificuldades de escrita. No quarto capítulo apresentaremos a circunscrição do método e da metodologia que sustenta este trabalho e, por fim, o quinto capítulo traz análise de pesquisa e transcrições de entrevistas, buscando mostrar o modo como os alunos e pais percebem as dificuldades de escrita. Como considerações finais, ressaltamos que o não-aprender a escrever configura-se como fator de sofrimento emocional com repercussões sociais do processo.

CAPÍTULO 1 - FUNÇÃO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

O aprendizado da escrita é considerado essencial para o aperfeiçoamento crítico e social da criança na fase escolar. É evidente que, sem a prática de escrita, a criança passa a se ver distante do seu papel coletivo e socializador como aluno. Percebe-se que, desta maneira, o processo de escrita deve ser influenciado pelo meio em que a criança convive, tanto por familiares quanto pela escola, de maneira a expressar ideias e pensamentos criativos, não só ensinando a ler e escrever, mas criando condições para a própria aprendizagem da criança.

Em seus estudos Ferreiro (1985) relata como a criança se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever. Afirma que a teoria de Piaget foi sua principal fonte de inspiração, por meio de estudos e pesquisas, revelando que a aquisição desses atos linguísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegada ao sistema alfabético, ou seja, a criança constrói gradualmente diferentes áreas e hipóteses sobre o sistema de escrita. Desenvolve seu trabalho e investigações a partir de uma lógica que vai da não compreensão da relação entre fala e escrita, passando pelo entendimento da fonetização, até construir a representação alfabética da escrita. Procura identificar e caracterizar níveis sucessivos de conhecimento e, nesse percurso, ela precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

Segundo Ferreiro (1996, p. 24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”.

O sistema de aquisição da escrita sempre foi objeto de estudos nas mais diversas áreas de pesquisa, e, hoje, sua maneira de pensar está sendo reformulada, pois o que antes era tido apenas como “rabiscos” escritos por crianças, com base em seus estudos Ferreiro (1985), podemos ver essa escrita infantil como, uma nova perspectiva a respeito dos primeiros escritos de uma criança. Os “rabiscos” são tidos, após pesquisas, como produções escritas com significados, merecendo uma interpretação e que podem ser aceitos como escritos verdadeiros, mesmo que sejam apenas traços fora do sistema alfabético, uma vez que representam as hipóteses da criança sobre o processo de registro da língua (FERREIRO, 1985).

A escrita é um processo, assim como a leitura, e acontece de formas diferentes para cada criança. Tudo depende de como essas crianças são apresentadas a esse processo,

bem como o modo como ela é estimulada no meio em que convive. Sabemos que essa etapa é caracterizada por grandes conflitos de nível cognitivo, levando a criança a perceber letras e sons reformulando e reescrevendo cada palavra até chegar à escrita de seu próprio nome, por exemplo, ou o nome de familiares, pai, mãe, irmãos entre outros. Não podemos esquecer que este processo de escrita acontece por etapas; etapas essas que têm um valor necessário na vida adulta desta criança.

Conforme Borges (2019), sabemos que vivemos em uma sociedade letrada e que a escrita é a principal ferramenta para superação e talvez até a solução para muitos problemas e práticas, assim as pessoas que não sabem ler nem escrever se sentem constrangidas, a ponto de não deixarem expor seus embaraços com relação a escrita, se excluindo muitas vezes de situações coletivas (BORGES, 2019).

Silva (2009) explica que:

Para Ferreiro e Teberosky (1999), a alfabetização é um processo gradual de domínio de um sistema de símbolo e sinais. É a sistematização da leitura e da escrita, tendo começo, mas não fim, pois o ser humano sempre estará aprendendo uma palavra nova. Há também o valor social, pois a leitura e a escrita colaboram para o resgate de direitos como dignidade, cidadania, relações sociais, liberdade e inclusão cultural. Para as autoras, a alfabetização da criança não depende do método de ensino e de manuais. Elas acreditam que as crianças desenvolvem sua própria maneira de aprender a ler e escrever, buscando seu próprio conhecimento. Então, mais do que pensar em método, é preciso compreender os processos de aprendizagem que a criança vivencia. As autoras afirmam que as crianças, nas séries iniciais, vão construindo e evoluindo seus conhecimentos acerca da representação da escrita, conquistando modos de representação que antecedem a representação alfabética da linguagem. Esses modos de representação são: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e o alfabético; cada um deles representa a evolução no aprendizado da escrita. Segue uma breve descrição do que as pesquisadoras perceberam que ocorre em cada um desses níveis (SILVA, 2009, p. 14).

As pessoas, independentemente da classe social, perpassam por caminhos para ter domínio da língua escrita, percorrendo níveis fundamentais de raciocínio. Esses níveis foram intitulados por Emília Ferreiro (1999). Que são divididos em:

a) Nível Pré-Silábico: Não se busca correspondência com o som; as hipóteses das crianças são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. Nesse nível, a criança tenta diferenciar entre desenho e escrita, utiliza no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras, reproduz os traços da escrita, de acordo com seu contato com as formas gráficas (imprensa ou cursiva), escolhendo a que lhe é mais familiar para usar.

Nas suas hipóteses de escrita, percebe que é preciso variar os caracteres para obter palavras diferentes.

b) **Nível Silábico:** Pode ser dividido entre Silábico e Silábico Alfabético: **Silábico:** a criança compreende que as diferenças na representação escrita estão relacionadas com o som das palavras, o que a leva a sentir a necessidade de usar uma forma de grafia para cada som. Utiliza os símbolos gráficos de formas aleatórias, usando ora apenas consoantes, ora apenas vogais, ora letras inventadas e repetindo-as de acordo com o número de sílabas das palavras.

c) **Silábico-Alfabético:** É quando a criança compreende que a escrita representa o som da fala, faz associação só com vogais ou só com consoantes, fazendo grafias equivalentes para palavras diferentes. Por exemplo, AO para gato ou ML para mola e mula e consegue combinar vogais e consoantes numa mesma palavra, numa tentativa de combinar sons, sem tornar, ainda, sua escrita socializável

d) **Nível Alfabético:** A criança já compreende que a escrita tem uma função social: a comunicação. Compreende o modo de construção do código da escrita e que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba. Conhece o valor sonoro de quase todas as letras.

Destaca-se aqui também, um conceito relevante percebido nas pesquisas de Ferreira (2011, p. 55), que é chamado de “princípio da quantidade mínima”. Ainda no nível pré-silábico, as crianças não reconhecem como sendo uma palavra se esta não estiver grafada em, no mínimo, três caracteres. Nesta etapa, a criança não consegue analisar um conjunto de palavras e diferenciar seus significados. Depois, elas associam a quantidade de letras ao tamanho do objeto a ser descrito, ou seja, quanto maior for o objeto, maior a quantidade de letras que a criança irá colocar, para cada objeto ou gravuras. Vincular o tamanho do objeto ao da palavra é denominada pela autora de Realismo Nominal e faz com que as crianças, por exemplo, utilizem poucas letras para escrever a palavra “formiguinha” e muitas letras para escrever “touro”. Seguindo a linha de pesquisa Silva (2009), pontua sobre o ponto de vista de Teberosky e Colomer citando que:

Para Teberosky e Colomer (2003), a construção do conhecimento sobre a escrita traz a questão do ponto de vista da própria criança, em relação ao que ela escreveu e assimilou. Essas informações constroem seu próprio conhecimento. Nós já sabemos que a criança, ao chegar à escola, faz suas leituras, as chamadas leitura de mundo, ou seja, ela já detém informações de que a comunicação também pode se dá por meio de palavras escritas. Mas, há um longo processo entre identificar e decodificar as letras e fazer a leitura de mundo. As autoras destacam

que durante todo o processo da construção do conhecimento realizado pela criança, a partir de quando ela começa a identificar as letras, decodificar rótulos e imagens, até a etapa em que a escrita se concretiza, o professor deve procurar saber identificar como a criança realiza cada etapa, para saber conduzir esse aluno que está desenvolvendo a percepção acerca da escrita (SILVA, 2009, p.15).

Considerando que aprender a ler e aprender escrever são campos fundamentais do desenvolvimento do ser humano, o domínio da escrita é um tópico de frequente discussões. Diante da relevância do tema, essa monografia buscar compreender como as crianças e seus familiares percebem as dificuldades das crianças em escrever. Corrêa. (1999, p.141) cita em seu artigo sobre “a importância da alfabetização como preditora de sucesso acadêmico, e afirma que, não se circunscreve a um determinado grupo social, atravessando diversas classes sociais”. Portanto Corrêa (1999), confirma que a escrita é importante para o desenvolvimento de uma criança e para seu sucesso escolar, uma vez que esta é base para compreensão de todas as outras áreas do conhecimento.

Uma criança que não sabe ler e escrever não conseguirá assimilar conteúdos de matemática, ciências, história e outros, pois é carente de ferramenta de codificação da língua escrita. E, além, dos processos de segregação escolar que sofrerá em função da não aquisição da escrita, ainda passará por sucessivas situações de exclusão social.

Cruz (2018), acrescenta que “a escrita iniciou-se na comunidade primitiva demonstrando a capacidade do homem em abstrair o desenho visual do meio ambiente e dar-lhe representação gráfica. Tornou-se o registro que preserva o patrimônio cultural de uma sociedade, além de importante meio de transmissão e comunicação através dos tempos. Esse instrumento revolucionou o processo educativo, privilegiando os que tinham acesso a ele” (CRUZ, 2018, p. 23).

Portanto, é importante afirmar que a escrita é fundamental na vida dos seres humanos, desde séculos passados até os dias atuais, tanto para benefício próprio, como uma ferramenta de muita importância no meio em que vivem, ajudando a transmitir ideias, história, demarcar informações, se comunicar, entre outras possibilidades.

Segundo Ferreira (1999), nenhum discurso sobre alfabetização considera as concepções das crianças sobre a escrita. Enfatiza que os métodos são apenas sugestões, sendo assim, não geram o conhecimento. Desta feita, se entende que a informação e a maneira com que ela será mostrada ao aluno, sendo contextualizada, é que concretiza o conhecimento. Além disso, o que parece fácil ao professor pode ser o difícil para o aluno,

que não deve ser enxergado como uma “tábua rasa” em que são depositadas as “letras e as palavras, segundo determinado método”, mas sim um sujeito de conhecimento.

Deste modo, se faz necessário um breve esclarecimento para entender como se dá a alfabetização, e mais ainda, como a piagetiana Emília Ferreiro contribui para ressignificação de seu sentido e para abrir o debate rumo ao construtivismo. A autora explica os processos e formas mediante as quais a criança chega a ler e escrever e, é também uma oportunidade de refletir sobre a complexa temática da alfabetização, sobretudo frente às exigências do atual mundo globalizado. Compreende-se aqui que crianças do ensino fundamental das séries finais já deveriam ter o domínio da linguagem escrita, mas se percebe que no cotidiano escolar esta não é uma realidade, sendo necessário pensar nos fatores intervenientes do processo.

De acordo Ferreiro e Teberosky (1999), a evolução da escrita está estruturada por fases que se mantêm comuns às mais variadas, passando por três grandes períodos que se diferenciam, e dizem respeito ao ritmo de aprender de cada uma. Nesse sentido, Ferreiro (2001), apresenta que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, organizando-a em três períodos que se subdividem, sendo o primeiro estágio a distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico, o segundo a construção de formas de diferenciação e o terceiro a fonetização da escrita. Nesses dois primeiros níveis predomina a hipótese pré-silábica; o controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo. No terceiro - o da fonetização da escrita, é quando a criança compreende a relação entre fala e escrita. Esse nível abrange três hipóteses: silábica, silábico-alfabética e alfabética, determinando ou não cada nível em que a criança se encontra. Ferreiro enfatiza “as intenções, os comentários e alterações cointroduzidos durante a própria escrita e a interpretação que o ‘autor’ (a criança) fornece para sua construção, quando terminada” (FERREIRO, 1995, p. 25). O professor deve estar atento ao comportamento da escrita da criança, para perceber a fase em que se encontra e mediar para seus avanços.

Para Ferreiro (1985, p. 29), “a obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito[...], isto significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito”, entendendo que o processo de alfabetização ocorre concomitante a evolução da inteligência e do pensamento, basta que a criança busque constantemente compreender o mundo a sua volta. Compreende, assim, que aprender a ler e escrever é também desenvolver ferramentas de pensamento úteis a outras situações sociais. Enfatiza que a aprendizagem é um processo de apropriação e, de conhecimento,

e isso só é possível por meio reflexões e práticas sobre o objeto que a criança quer conhecer.

Para Ferreiro (2001, p. 43), “A escrita não é um produto escolar, mas sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções de existência”. Ainda partindo do ponto de vista de Ferreiro, a escrita é importante em qualquer área em que a criança esteja inserida, ou seja, a escrita é um instrumento muito importante para socialização do indivíduo na sociedade, além de representar a própria evolução histórica do sujeito, sendo a base no desenvolvimento do discente como um processo contínuo no decorrer alfabetização da escrita.

Moreira (2014, p.14) concorda com Emília Ferreiro e explica:

Pode-se perceber que o processo de alfabetização deve proporcionar situações nas quais os alunos sejam em contato com as práticas sociais de leitura e de escrita, onde o professor que lida com a alfabetização, prioritariamente, conheça a psicogênese da língua escrita, para entender a forma e o processo pelos quais a criança se apropria do ler e do escrever (MOREIRA, 2014 p. 14).

Ferreiro trata da gênese ou origem e evolução psicológica da aquisição escrita tanto pela humanidade quanto pela criação individualmente. Tais autores corroboram com ideia de que a filogênese repete nos processos ontogenéticos.

Cabe lembrar que o professor e a família devem desempenhar um importante papel na vida da criança, sendo responsáveis pela plenitude de seu desenvolvimento e aquisição de conhecimento. Emília Ferreiro (2011), em entrevista à revista virtual Educar para crescer (s/p) da editora Abril, afirma: “Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”. Assim, evidencia-se a importância de uma melhor compreensão acerca do olhar do próprio aluno e de sua família quanto as dificuldades de leitura e escrita, verificando, entre outras coisas, se os elementos propulsores do desenvolvimento estão auxiliando o aprendiz, na crença de sua capacidade intelectual.

Para Ferreiro (1999, p. 47), “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Considera, assim, que é um processo contínuo que vai além das séries iniciais proporcionado ao aluno uma construção de sua formação pessoal.

Na concepção de Ferreiro, seria correto interrogar se, “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar” (2000, p. 30). Sendo assim “a obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito, o que significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 29).

Assim, aprender a ler e escrever é também desenvolver ferramentas de pensamento úteis a outras situações sociais.

Pittenger, em sua análise, assegura que:

Nenhuma teoria psicológica moderna estabelece um limite específico na capacidade física das pessoas para aprender. Contudo, em um quadro de referência dos limites não-específicos, existem tendências para considerar o ser humano com um organismo mecânico ou um organismo dinâmico. Em geral, os associacionistas são favoráveis a uma visão dinâmica relativista evolutiva da capacidade humana (PITTENGER, 1977, p.134).

Concordamos com Pittenger (1977), uma vez que as capacidades de desenvolvimento estão interligadas às habilidades de se construir um ambiente escolar pedagógico favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento. Não é possível delimitar e estabelecer limites à aquisição de conhecimento, mas é possível constituir propostas de ensino amplamente favorecedoras dos avanços das capacidades individuais e coletivas.

Cruz (2018, p. 19), em sua análise, sustenta que

A leitura e a escrita se faz fundamental para que a criança aprenda as demais disciplinas, mesmo aquela que remete a matemática, é obvio que a leitura e a escrita não se restringem apenas a uma única disciplina, porém, engloba todas as demais. São várias os fatores que causam o fracasso escolar, dentre esses fatores podemos enfatizar a capacidade da criança, há várias abordagens para remeter a essa questão da capacidade humana (CRUZ, 2018, p. 19).

Afinal o motivo do seu não aprendizado pode estar ligado e cita Borges (2003) para fundamentar sua fala “as condições sociais em que se encontra o aluno, culturais, interesses políticos, métodos educacionais, problemas individuais da criança em relação ao físico, a questão biológica, intelectual e por fim o afetivo (BORGES, 2003)”.

Sendo assim, não é possível insinuarmos que existe um único motivo que pode gerar no aluno ao desinteresse ou o problema escolar, vale ressaltar que, são inúmeros os geradores que podem levar o discente a falta de motivação na questão da aquisição entre leitura e escrita.

Diante deste quadro, Ferreiro (1996, p. 35) alerta sobre o processo de alfabetização:

[...] não pode reduzir-se a uma série de habilidades específicas que deve possuir a criança, nem às práticas metodológicas que o professor desenvolve; é preciso dar conta do verdadeiro processo de construção dos conhecimentos como forma de superar o reducionismo em que têm caído as posturas psico-pedagógicas, até então. (FERREIRO, 1996, p.35)

Ferreiro acaba por enfatizar a complexidade envolvida em todo processo de aquisição da linguagem escrita, demonstrando as dificuldades inerentes ao processo. Ainda ressalta a importância do conhecimento sobre os procedimentos de tal aquisição na compreensão daquilo que ainda não se sabe.

O conhecimento da evolução psicológica do sistema de escrita por parte dos professores, psicólogos e avaliadores é imensurável para avaliar os progressos das crianças, e mais importante ainda, para “ver” sinais de alfabetização ainda não observados. (FERREIRO, 1995, p. 32)

Fica evidente o que Ferreiro descreve sobre a aprendizagem e o processo de alfabetização, visando que não pode ser reduzido a uma série de habilidades específicas e nem a práticas metodológicas. Comenta ainda que é preciso dar conta do verdadeiro processo de construção do conhecimento, ou seja, não é um processo de acumulação e sim um processo de formação do conhecimento, pautado também na capacidade do docente de compreender a construção da escrita como um dinamismo evolutivo das capacidades humanas.

Quando se fala em “Função social da escrita” não se pode esquecer que a família tem seu papel nessa formação da criança. Partindo deste ponto de vista, vale ressaltar que entender a família dos estudantes com dificuldades é importante para compreender o processo de ensino-aprendizagem dessa criança e de suas dificuldades, a fim de entender seu papel na vida escolar e na superação dos problemas apresentados. A compreensão das percepções familiares e dos alunos acerca de suas dificuldades pode auxiliar a escola a estabelecer uma comunicação com pais ou responsáveis construindo estratégias conjuntas de atuação e de superação do problema.

É necessário que o aluno seja incluído nas atividades escolares auxiliando os pais a saberem o que está acontecendo com seu filho. Assim evita de vê-los como preguiçosos e desinteressados. Frente às primeiras dificuldades, é necessário, a mobilização da escola e da família na tentativa de mitigação do problema.

Pode-se dizer que a escola é uma agência de alfabetização e a escrita está obrigatoriamente atrelada à aprendizagem escolar da criança, pois visa um contexto que estimula a leitura e escrita.

1.1. Dificuldades de aprendizagem

Sabe-se que o tema da dificuldade de aprendizagem é um fator presente em sala de aula, desde os anos iniciais, do Ensino Fundamental, fase que pode ocasionar e na qual aparecem as primeiras problemáticas na aprendizagem da criança. São diversos os fatores que ocasionam essa dificuldade de aprendizagem, podendo ser temporárias, de fácil superação ou com o auxílio do professor, e em outros casos podem ser permanentes, em decorrência da falta de acesso à profissionais com conhecimento acerca dos processos.

Sisto (2001, p. 122) define que a “língua oral, a leitura e a escrita são considerados instrumentais para a vida social e acadêmica”, portanto é fundamental que a escola tenha um olhar observador e, desde as séries iniciais, o professor acompanhe esse aluno, percebendo a dificuldade na aprendizagem da criança, peça ajuda e busque instrumentos para que o mesmo não venha a cair no fracasso escolar. Ao se fazer essa descoberta, desde o início, ajudará a criança em seu processo de escrita. Cabe ressaltar que a ajuda de que o professor necessita é de ordem de conhecimento pedagógico e não médico corretivo, uma vez que aprender a ler e escrever é uma atividade de desenvolvimento e aprendizagem e não de cunho biológico ou médico. Sisto (2001, p. 125) ressalta que:

Cada vez mais parece claro que as dificuldades de aprendizagem parecem ser um fenômeno independente, que aos poucos vai sendo melhor definido e conhecido, podendo estar associado a outras condições e dar-se ao longo da vida das pessoas, independentemente do nível de inteligência, como também ocorrer em um ou mais conteúdos de aprendizagem (SISTO, 2001, p.125).

Partindo desse pressuposto, a dificuldade de aprendizagem nem sempre está relacionada a uma área restrita de conhecimento da criança, podendo ser também de cunho pessoal no que se diz respeito à baixa motivação pelas atividades escolares ou, até mesmo, por ser uma criança de autoestima baixo, seja elas motivadas por familiares ou pela própria escola em si. Outro ponto de destaque é que, independe da capacidade de inteligência pode estar relacionada apenas a alguns conteúdos.

Sisto (2001, p. 126) considera “Um equívoco as pessoas acharem que não existem diferentes formas de se aprender”. Para ele existem etilos e estratégias para aprendizagem de cada pessoa”. O contexto do discente tem uma certa influência em sua aprendizagem e, por sua vez, as características do professor também definem seus modos de ensino.

Para Correa (2012, p. 142), o aluno com dificuldade na aprendizagem “desenvolve uma expectativa baixa para suas realizações, sentindo se desmotivado para aprender, com a autoestima baixa e trazendo consigo a apatia e o desinteresse e, em alguns casos, agressivos e comportamentos opositivos”. Ou seja, esses discente são menos aceitos por seus pares, por seus colegas por acharem incapazes de produzir atividades, ou até mesmo, por medo do colega e receio de que sejam rejeitados preferem ficar sozinhos. A condição emocional provocada pelo próprio fracasso acaba por funcionar como produtiva de mais insucesso.

Segundo Barbosa (2015, p. 44):

As dificuldades de aprendizagem podem ser geradas por fatores extrínsecos como intrínsecos ao ser humano, ou seja, para além dos aspectos psicológicos e biológicos ela envolve principalmente o ambiente no qual o sujeito está inserido, pois será o meio e os estímulos que irão determinar a dificuldade em maior grau da criança (BARBOSA, 2015, p. 44).

Ferreiro afirma que “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (2000, p. 31). O professor não pode se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções como as de adulto já alfabetizado, pois nem sempre as crianças aprendem o conteúdo da mesma maneira, todo conteúdo dependendo da turma tem de ser modificado, para melhor entendimento no que diz respeito, a aprendizagem. Mesmo que a formação deste professor não tenha contemplado a temática, ele deve estar sempre se atualizando, pois é preciso que haja uma reestruturação na escola, no que diz respeito, a alfabetização e escrita, no processo de aprendizagem.

Cruz argumenta que “é perceptível que antigamente havia um preconceito com as crianças que não conseguiam aprender, que eram chamadas de idiotas ou retardados. Por esse motivo, algumas crianças sofriam por dificuldades em aprender na escola, surgiu a partir daí a necessidade de haver o poder psiquiátrico na escola” (CRUZ, 2018, p. 20). Partindo do ponto de vista de Cruz, considera-se que realmente o preconceito é algo irremediável fora ou dentro das escolas, mas, por meio de políticas públicas, tem como haver um incentivo para os alunos tachados como “retardadas” sejam melhor incluídos na sala de aula com palestras e atividades sobre o assunto e atendimento para os que precisam de acompanhamento psicológico, pedagógico ou físico.

No processo de aprendizagem a criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico, pois o tempo para cada discente é diferente uns dos outros, uns aprendem com menos idade, outros em determinado tempo já maiores. Vale lembrar que é importante respeitar o tempo de cada criança, mesmo sendo “tardio” o aprendizado de algumas, o que não significa que elas sejam menos inteligentes, mas que existem características formativas típicas de cada ser humano. Já o professor, percebendo estes alunos, não pode deixá-los de lado, ou rejeitá-los, para que haja uma interação e que o aluno se sinta confortável mesmo sabendo de suas dificuldades no que diz respeito à aprendizagem. A autoestima das crianças pode influenciar em seu aprendizado, pois a falta de confiança em si mesma, por exemplo, pode afetar nesse processo e o apoio da família e do professor pode estimular o aluno, de modo que ele consiga superar essa dificuldade.

De acordo com Petronilo:

Quando o professor detectar que o aluno tem dificuldade de leitura e escrita deve buscar orientar os pais, para que juntos procurem soluções para resolver tais problemas, bem como encaminhar o aluno para profissionais capacitados na área desejada. A partir do momento em que é identificado o problema de rendimento escolar ou sintomas isolados, que podem ser recebidos na escola ou mesmo em casa, deve-se procurar ajuda especializada (PETRONILO, 2007 p. 27).

Deste modo, cabe à escola e à família trabalharem juntas para que a criança venha a ser analisada e haja uma modificação na metodologia em sala de aula. Para que isso aconteça, é preciso que tenha um envolvimento de ambas as partes, família e escola, pois o professor, detectando que o aluno tem dificuldades na aprendizagem, busque orientar os pais acerca das dificuldades na criança e para que, juntos, escola e família, busquem soluções satisfatórias para promover uma melhoria no que diz respeito a aprendizagem.

É imprescindível que pais e professores compreendam e tenha entendimento sobre a aprendizagem, e perceba, sem leitura e escrita, não tem como as crianças aprenderem as demais disciplinas, percebendo que leitura e escrita englobam todas as demais disciplinas, percebe-se que o processo de aprendizagem dificilmente é resolvido, sem a interação entre educador, educando e família.

Alves (2007) expõe seu apontamento em relação ao processo de aprendizagem, e salienta que:

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo (ALVES, 2007, p. 18).

Sisto (2002, p. 129) cita que “existe uma variedade de processos mentais que afetam a atuação infantil, incluindo processos executivos e motivacionais que podem ser vistos como mecanismo de controle e que desempenham um papel central na regulação do sistema cognitivo”. Em outras palavras, depende de processos executivos e motivacionais, que perpassam por todo processo de ensino aprendizagem da criança, não se limitando a ver a situação como única, mas que no que diz respeito ao campo de aprendizagem, faz parte de um processo de discussão infindável pelo qual se observa a percepção do aluno em relação a aprendizagem, no que diz respeito ao rendimento escolar, mostrando dificuldades na desenvoltura básica de leitura e escrita entre outras.

De acordo com García (1995, p. 31-32).

Dificuldade de Aprendizagem (D.A.) é um problema que está relacionado a uma série de fatores e podem se manifestar de diversas formas como: transtornos, dificuldades significativas na compreensão e uso da escuta, na forma de falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas [...] Podem estar também associados a essas dificuldades de aprendizagem, problemas relacionados as condutas do indivíduo, percepção social e interação social, não estabelecem, por si próprias, um problema de aprendizagem. (GARCÍA, 1998, p. 31-32).

Essas dificuldades, são inerentes ao indivíduo, podendo ser resultantes da disfunção do sistema nervoso, e podem acontecer ao longo do período vital do indivíduo. Vale ressaltar que a conduta do indivíduo, no que diz respeito à aprendizagem, é um fator a ser observado. É necessário a participação do aluno em querer aprender, mesmo sabendo de suas limitações, e tendo vários motivos para desistência mostre desempenho perante as atividades que estão sendo propostas.

Partindo do ponto de vista de García (1998), são inúmeros os fatores relacionados à aprendizagem e que podem se manifestar de diversas formas, falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas, entre outras. Percebem-se as variedades de dificuldades que podem levar a criança ao fracasso na aprendizagem, a tal ponto de poder ser visto, por alguns educadores como algo comum e que lá na frente, no futuro ou na série seguinte, o aluno irá aprender sem a intervenção de um profissional especializado para diagnosticar o problema, por intermediações, para tentar resolver tal

dificuldade demonstrada pelo aluno. Sabemos, contudo, só é possível o aprendizado com a intervenção e ajuda metodologias ligada a aprendizagem, que podem amenizar na solução de tais fatores. Fonseca 1995, acrescenta que:

A metodologia está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender é necessário estar-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo. (FONSECA, 1995, p. 131).

Conforme Fonseca (1995), não são apenas os estímulos e metodologias que irão ajudar na aprendizagem. Conta também o interesse da criança em querer aprender o que está sendo proposto por meio de metodologias. Observa-se aqui que o interesse do aluno conta na hora de se aplicar atividades que estimulem a aprendizagem da criança.

Conforme Fonseca (1995), a metodologia utilizada por parte dos profissionais especializados, por si só, não é suficiente, pois tem que existir um envolvimento entre o indivíduo e a escola, é preciso que ele tenha motivação para aprender e esteja interessado. Além dos estímulos, é notável observar também as condições interiores da própria criança para que perceba se realmente tem condições para tais estímulos (aprendizagem).

É nítido que, quando o aluno não consegue desenvolver a leitura e escrita, ele começa a ficar desmotivado, perdendo o interesse pela escola, apresentando problemas comportamentais de isolamento, agressão ou até mesmo de desistência da escola e transtornos emocionais. Para Furtado (2007):

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola. (FURTADO, 2007, p. 03).

Desse modo, a aprendizagem depende de um complexo processo e quando não acontece ou quando a criança não se desenvolve no tempo esperado, se fazem necessárias as intervenções, sejam elas por profissionais da área, entre eles psicólogo, psiquiatra, neuro, escola e pela família.

Vale ressaltar que, independente de qual seja o meio procurado pela escola e pela família, este será de grande valia no decorrer da vida da criança, colaborando assim para

o não agravamento de problemas que poderiam ser maiores no futuro, quanto ao insucesso da criança.

1.2. Estudos sobre dificuldades de escrita

A escrita faz parte de um processo complexo, social, cultural e educativo. O processo de ensino da escrita, no contexto escolar, deve ser desenvolvido gradativamente e competentemente pelo professor/educador, através de uma relação recíproca e respeitosa com o discente, com o objetivo de ensinar os educandos a utilizar-se dos códigos da língua escrita.

Percebe-se que muitas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental enfrentam grandes dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Nesta seção, iremos apresentar dados e informações sobre estudos e pesquisas já realizadas sobre dificuldades de escrita no contexto educacional brasileiro. Isso será feito com o objetivo de contextualizar e verificar tais dificuldades no ensino-aprendizagem no contexto escolar e o perfil mais afetado por esse problema.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef doravante):

Sete milhões de estudantes no Brasil têm dois ou mais anos de atraso escolar, dados estes coletados em 2017, por meio da prova Brasil realizados a cada dois anos, no Brasil. E Afirma que, “há mais de 35 milhões de estudantes matriculados no ensino fundamental e médio. Entre eles, mais de sete milhões vão à escola, porém estão em situação de "distorção idade-série", isto é, possuem dois ou mais anos de atraso escolar (...) (UNICEF, 2018, s/p).

Afirmam que "Os mais afetados pelo atraso escolar são meninas e meninos vindos das camadas mais vulneráveis da população, já privados de outros direitos. Por esse motivo, é urgente desenvolver estratégias específicas para alcançar esses diferentes grupos populacionais" Unicef, 2018, s/p), como explica Florence Bauer (2018), representante do Unicef no Brasil. Desse modo, não cabe somente à família agir mediante a esse fato, mas cabe ao poder público desenvolver estratégias educacionais, bem como o investimento em recursos, que ajudarão no aprendizado das crianças.

Para reverter esse cenário e garantir trajetórias de sucesso escolar, a Unicef sugere alguns passos que servirão para o avanço escolar. São eles:

Elaboração de análises precisas da situação da distorção idade-série em nível municipal e estadual, estabelecer políticas públicas específicas para combater o fracasso escolar com foco nos mais vulneráveis e por fim desenvolver propostas pedagógicas de atenção especial a estudantes em risco de fracasso e abandono escolar (UNICEF, 2018, s/p.).

Mostram, assim, a necessidade de serem oferecidos nas escolas recursos que objetivam a capacitação de educadores, para que não haja, no processo de ensino-aprendizagem, bloqueios que acabarão por atrapalhar a criança em seu momento de descobertas (infância), momento esse que é de suma importância no processo de desenvolvimento do ser humano. Com isso, haverá uma melhor compreensão do cidadão funcionalmente letrado, ou seja, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual e social.

É importante ressaltar os resultados dos investimentos, por exemplo cita Unicef (2018, s/p).

Na formação continuada dos docentes seriam melhores em um ambiente escolar inclusivo, isto é, um ambiente onde há empenho da comunidade escolar, trabalho em grupo e com investimento e recursos que favorecem à prática da leitura, da escrita, e das necessidades dos alunos (UNICEF, 2018, s/p).

A fim de respeitar a diversidade cultural e as realidades as quais os alunos pertencem. É importante salientar a necessidade de um ensino que possibilite à criança compreender a organização do código escrito, constituindo uma variável cognitiva mediando o processo de alfabetização.

É bem sabido que a falta de recursos e de planejamento pode dificultar o processo de ensino e de aprendizado, ao que se somam a má distribuição da renda, o número excessivo de alunos por sala, e a má formação de professores. Sendo assim, podemos considerar que são muitos os problemas presentes em relação ao processo de alfabetização.

Dando continuidade às pesquisas realizadas sobre alfabetização, o site do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), as médias de proficiência que compõem, o Saeb são extraídas da Prova Brasil. Os dados apresentados são referentes às provas aplicadas em novembro de 2017 a mais de 5,4 milhões de estudantes do 5º e 9º ano do fundamental e 3º ano do ensino médio. Os resultados se referem a um universo de 59.388 escolas, (SAEB, 2018, s/p).

Na prova, os estudantes respondem às questões de língua portuguesa com foco em leitura e de matemática com ênfase na resolução de problemas. Para os alunos da rede pública, a prova é obrigatória, mas, em 2018, as escolas particulares também aderiram à avaliação, embora essa participação da rede privada seja facultativa, ou seja, sem obrigatoriedade.

Seguem, abaixo, quadros e informações sobre a evolução da educação nos dados do SAEB e Prova Brasil. Embora seja traçado aqui uma visão categórica e vasta, com os principais números de cada etapa educacional, há um foco que se mantém: dados sobre leitura e escrita investigação da grande desigualdade que caracteriza aprendizagem e educação no Brasil. Vale ressaltar que, neste trabalho, priorizamos dados do Brasil e em seguida região Norte com ênfase de dados do Tocantins e, por fim dados da própria escola em questão.

Quadro 1 - Evolução do IDEB dos anos finais do EF

Rede	2007	2009	2011	2013	2015	2017	Meta 2017
Total	3.8	4.0	4,1	4,2	4.5	4.7	5.0
Público	3.5	3.7	3,9	4,0	4.2	4.4	4.7
Estadual	3.6	3.8	3,9	4,0	4.2	4.5	4.8
Municipal	3.4	3.8	3,8	3,8	4.1	4.3	4.6
Privado	5.8	5.9	6,0	5,9	6.1	6.4	7.0

Fonte: Inep/MEC

De acordo com o quadro 1, é possível verificar que, desde 2007, vem ocorrendo um avanço nos níveis do ensino nas redes públicas estaduais e municipais e nas redes privadas, mas ainda com grandes disparidades quando se compara o setor público e privado.

Cumprе salientar que, para o cálculo do indicador educacional, a metodologia adotada, no âmbito do IDEB, leva em consideração (1) aplicação, em larga escala, da Prova Brasil e (2) desempenho escolar dos alunos, em termos de aprovação.

A busca por práticas modificadoras e diversificadas para que tais dificuldades, sejam superadas no que diz respeito ao contexto escolar dessas crianças se faz necessária e urgente.

De acordo com site do Inep/MEC (2018, s/p) é importante ressaltar ainda que, a avaliação é feita por meio de uma escala que vai de “zero a dez; sendo de zero a três considerados insuficientes, entre quatro e seis é considerado que os alunos possuem um nível de conhecimento básico e de sete a nove é considerado adequado. Por meio destes dados foi realizado o presente trabalho”.

No quadro 1, é possível observar a avaliação por meio da Prova Brasil, realizadas nas escolas públicas, estadual, municipal e privada, é perceptível o grau de crescimento da instituição públicas, mesmo que seja lento, mas há um avanço perceptível

Quadro 2 - IDEB-Anos finais-2007-17/Região Norte

Rede pública						
Região /Norte	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Brasil	3,5	3,7	3,9	4,0	4,2	4,4
Norte/Rede pública	3,3	3,5	3,6	3,6	3,9	4,1
Norte/Rede privada	5,3	5,3	5,6	5,5	5,6	6

Fonte: MEC/Inep/DEED/Indicadores Educacionais.

No quadro 2 é possível comparar a nota entre os anos de 2007 a 2017 da região norte com o Brasil. Fica evidente que a região norte tem índices abaixo que o índice nacional e que há discrepância, ou seja, há uma desigualdade do que diz respeito aos dados por regiões, instituições de ensino pública, municipal e privada.

Quadro 3 - IDEB-Resultados e Metas

Estado	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Tocantins						
	3.6	3.9	3.9	3.7	3.8	3.4

Fonte: site IDEB

Os resultados marcados referem-se ao IDEB que atingiu a meta naquele período. Verifica-se que até 2013 o Tocantins tinha um índice maior do que a região norte, contudo, em 2015 e 2017 o índice cai abaixo do esperado para a região, demonstrando uma oscilação prejudicial ao sistema educacional. Teria que se investigar se tal diminuição tem relação com instabilidades políticas ocorridas no Estado em tal período.

Quadro 4- IDEB-Escola Est. Jorge Amado, Série 8º e 9º ano

Escola	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Escola Est. Jorge Amado	2.8	3.2	3.6	2.6	2.9	4.5

Fonte: site IDEB

No quadro 4 é possível verificar a nota da escola onde a pesquisa foi realizada. Verifica-se que, excluindo o ano de 2017, nos demais a escola tem índice abaixo da média do Tocantins e abaixo do esperado para a região Norte. Estes dados podem ser conferidos no site do IDEB, bem como os dados de cada escola de acordo com cada município, estado e país. Os dados das escolas só são avaliados de acordo com os critérios expostos pelo site do Saeb.

O cálculo do IDEB obedece a uma fórmula bastante simples: as notas das provas de língua portuguesa e matemática são padronizadas em uma escala de 0,00 (zero) a 10,00 (dez). Depois, a média dessas duas notas é multiplicada pela média (harmônica) das taxas de aprovação das séries da etapa, que, em percentual, varia de 0 (zero) a 100 (cem). Para exemplificar o cálculo do indicador, são apresentados no quadro abaixo quatro exemplos:

Quadro 5- Exemplos do cálculo do IDEB

Escola	Prova Brasil (N)	Aprovação média (P)	IDEB (N)x(P)
A	6,0	90%	5,4
B	6,0	80%	4,8
C	4,0	80%	3,2
D	5,0	100%	5,0

Fonte: site IDEB

Não é difícil perceber que a existência de IDEB baixo é explicada pela combinação de resultados baixos na taxa de aprovação (poucos alunos passam de ano) e/ou no desempenho na Prova Brasil (poucos alunos alcançam boas notas). Entre escolas com mesmo desempenho na Prova Brasil (escolas A e B), terá maior IDEB aquela com maior taxa média de aprovação (escolas A). Entre escolas com a mesma taxa média de aprovação (escolas B e C), terá maior IDEB aquela com maior desempenho na prova Brasil (escolas B). Quando todos os alunos são aprovados, o IDEB é igual ao desempenho na Prova Brasil (escola D).

De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB):

O Ideb, ampliam-se as possibilidades de mobilização da sociedade em favor da educação, difundindo e valorizando a cultura do aprendizado, uma vez que o índice é comparável nacionalmente e expressa em valores dois resultados muito importantes do processo educacional. A combinação de ambos tem o mérito de equilibrar as duas dimensões: se um sistema de ensino retiver seus alunos para obter resultados de melhor qualidade no Saeb ou Prova Brasil, o fator fluxo será prejudicado, indicando a necessidade de melhoria do sistema. Se, ao

contrário, o sistema apressar a aprovação de alunos com baixo desempenho, o resultado das avaliações indicará igualmente a necessidade de melhoria do sistema, ou seja, para melhorar o IDEB, os sistemas de ensino devem melhorar simultaneamente as duas dimensões do indicador, fluxo escolar e desempenho nas avaliações (IDEB, 2018, p. 6-7).

Uma breve análise em relação aos números apresentados, na tabela 1, notadamente da média geral de aprovação na escola estadual, municipal, privada e pública pode apontar uma diminuição a reprovação nos anos de 2009, de 2011, 2015 e de 2017 nos anos iniciais do ensino fundamental. Contudo, nos anos de 2013, de 2015 e de 2017, os números nos permitem inferir que houve um aumento da taxa de aprovação bem mais gradativas que nos anos anteriores. Se observarmos de acordo com a tabela (1) os anos (2007 à 2017) nos anos iniciais do ensino fundamental, em comparamos todos eles, é possível observar que, o avanço que vem acontecendo durante todos estes anos, há uma taxa menor de reprovação. Deve-se destacar ainda que estamos lidando com dados secundários, obtidos a partir do *site* oficial do MEC, não há possibilidade de produzirmos afirmações categóricas. Por isso, estamos trabalhando com o campo da inferência com base nos números.

De acordo com os resultados da Pnad Contínua não são comparáveis entre si e - a partir desta edição 2019 do Anuário Brasileiro da Educação Básica avaliando, de a cada cem estudantes ingressando na educação básica apenas noventa alunos concluem o ensino fundamental I, aos doze anos de idade. Sendo que 60,7% tem aprendizagem adequada em português e 48,9% em matemática e sessenta e quatro concluem o ensino médio até os dezenove anos de idade, tendo 29,1% de aprendizagem em português e 9,1% tem aprendizagem em matemática (ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2019, p16).

Pelos dados do PNAD é possível afirmar que a aprendizagem da escrita ainda é um desafio para a educação brasileira, que precisa se preocupar mais com formas de intervenção do problema.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E CAMPO DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos as informações sobre o método e a metodologia que sustentam a elaboração deste trabalho. O trabalho foi feito por meio de uma pesquisa qualitativa. Segundo Neves (1996), a pesquisa de cunho qualitativo:

Qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas (entrevista não estruturada, entrevista semi-estruturada, observação participante, observação estruturada, grupo focal) que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. (NEVES, 1996, p.1).

A pesquisa utilizou-se de entrevista semiestruturada com 5 pais e 5 alunos que se identificarem como tendo dificuldades de escrita, com idades que variam de 13 a 16 anos. Para os alunos, ainda foi solicitado que fizessem um desenho contendo uma história de como é ter dificuldades para ler e escrever. As entrevistas ocorreram com o membro familiar que se dispôs a participar da pesquisa. E por fim todas as entrevistas foram gravadas e analisadas.

Para análise de dados, foram utilizado entrevista de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e, para análise dos desenhos, baseou-se em Campos (2000). A análise de conteúdo consiste numa primeira exploração do material chamada de pré-análise, no qual, por ser leitura flutuante, constitui as primeiras hipóteses que designaram as categorias de análise. Nesse momento, deve-se explorar todas as possibilidades do material. Partindo da pré-análise, os dados devem ser tratados e analisados por deduções codificadoras de características em comuns nas entrevistas realizadas. Das codificações e categorias, as interpretações são dadas por inferências pautadas na bibliografia estudada.

Com relação aos desenhos, utilizou-se de Campos (2000), pesquisadora que tratou da validação de testes de desenhos em Psicologia no Brasil, com o objetivo de padronizar e facilitar a interpretação de desenhos nas avaliações psicodiagnósticas. Cabe ressaltar que não há o objetivo, na pesquisa, de diagnosticar as crianças, apenas verificar por meio do desenho suas percepções acerca das dificuldades de escrita.

A coleta de dados foi realizada, por meio de informações em um colégio estadual de Araguaína-TO, em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II. Observa-se o quadro 1 que consta o período de coletas de informações para o trabalho:

Quadro 6 - Cronograma de aulas de regência e de coleta de informações

ETAPAS/Meses	Agosto 2019	Setembro 2019	Outubro 2019	Novembro 2019
Realização da Regência do ESC IV.	X	X	X	X
Coleta de informações.		X	X	X

Fonte: autoria própria.

2.1. Caracterização da escola campo de pesquisa

Esta subseção refere-se às características da escola campo de pesquisa e apresentam os objetivos e metas planejadas pela instituição. É de imensa importância ter-se conhecimento sobre o meio escolar, no qual foi realizado o trabalho. De acordo com Houser e Lopes (2016, p.3)

E importante, portanto, que o professor conheça as características do colégio em que atua, que entenda seu sistema de ensino, que compreenda a dinâmica do bairro e da cidade no qual está inserido para que assim ofereça uma formação voltada às reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho (HOUSER, LOPES, 2016, p. 3).

Todos os dados aqui citados foram retirados do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2019).

O colégio funciona nos três turnos matutino, vespertino e noturno. A escola foi criada em 1977 em um terreno doado, para atender a comunidade local. Em 1981, passou a funcionar sob convênio parcial entre Município e Estado. Atualmente atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e alunos 1ª ao 3ª séries do Ensino Médio, além dos alunos especiais na sala de recursos no contra turno.

De acordo com o PPP da escola, os alunos são provenientes de diversos bairros da cidade e há um percentual vindo da zona rural e povoados vizinhos à cidade, recebendo um público de bairros carentes (PPP, 2019).

O colégio conta com um total de 24 docentes com nível superior. A situação de conservação da escola é considerada adequada, porém, em determinadas salas existe uma

grande quantidade de carteiras e mesas em estado deteriorados ou “estragados”. Segue o segundo quadro que representa toda a infraestrutura física do colégio.

Quadro 7 - Estrutura Física do colégio.

Estrutura Física	Especificidades
Salas de aula	08 salas de aula, aptas para as necessidades
Biblioteca	01 biblioteca com um acervo 6.824 livros didáticos, paradidáticos e literários, catalogados, bem como revistas de diversas editoras para pesquisa dos alunos e professores. E justifica a biblioteca não é aberta ao público, porque muitas obras são insuficientes e outras defasadas para atender com precisão e qualidade ao público.
Banheiro	02 banheiros (01) um masculino e (01) Feminino cada qual com três espaços sanitários, precisa de reformas e ampliação.
Laboratório de informática	01 sala com 20 computadores.
Quadra Esporte	01 quadra coberta, apta para atenderem as necessidades
Área coberta	01 área coberta, apta para atender as necessidades
Sala recursos AEE	01 sala de AEE- Atendimento Educacional Especializado, apta para atender as necessidades
Cozinha	01 sala apta para atender as necessidades da escola.
Depósito	01 sala apta para atender as necessidades da escola.
Sala para professores	01 Sala de direção, precisando ter acessibilidade para as salas administrativas.
Sala de coordenação pedagógica.	01 Sala de direção, precisando ter acessibilidade para as salas administrativas.
Sala para direção	01 Sala de direção, precisando ter acessibilidade para as salas administrativas.
Sala secretaria	01 Sala de direção, precisando ter acessibilidade para as salas administrativas.
Sala de Orientação educacional	01 Sala de direção, precisando ter acessibilidade para as salas administrativas
Almoxarifado	01 sala apta para atender as necessidades da escola.

Fonte: elaboração do autor no relatório final do ESC IV.

Vale ressaltar que, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma parceria entre Universidade escola por meio do programa Residência Pedagógica, ao qual durante 10 meses, obtive um contato mais próximo com os alunos.

E diante do contexto da Unidade de ensino, foi possível percebermos e observarmos algumas problemáticas em torno da escrita realizada pelos alunos, que demonstravam ter dificuldades para responder as atividades propostas em sala de aula, na disciplina de língua portuguesa.

Por intermédio de observação foi possível buscarmos investigar, com esse estudo, quais são as causas que levam o aluno a ter dificuldades de escrita.

O Programa de Residência Pedagógica é uma ação implementada pela Capes para atender aos objetivos da Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica do Ministério da Educação. Visa fomentar projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica.” (UFT,2018, p.01 - EDITAL N° 65/2018).

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PESQUISA

Neste capítulo aborda a metodologia utilizada por meio de uma pesquisa qualitativa que consiste em apresentar dados coletados por meios instrumental, desenho, texto e entrevista com pais e alunos.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se de um instrumental com 5 (cinco) questões abertas para os alunos e 18 (dezoito) para os pais. Foram feitas observações e conversas informais com a diretora da escola e para a coleta de informações aqui obtidas, buscando-se a opinião deles a respeito das dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, com o objetivo de “verificar a percepção do aluno e da família sobre as dificuldades de escrita”. Além do instrumental, foi solicitado aos alunos que escrevessem uma história sobre dificuldade de escrita e um desenho relacionando dificuldades, materiais esses que contribuiu para a análise desse trabalho, em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, no turno matutino.

Para chegar a esta análise com os cinco alunos, foi realizado um questionário em duas turmas do 8º ano. Cada turma continha 15 alunos. Destes foram selecionados cinco que disseram ter dificuldades de escrita.

A partir desses dados, realizou-se uma entrevista com os cinco alunos e seus pais na busca de fundamentar os objetivos proposto nesse trabalho.

3.1. Descrição e análise do instrumental com os cinco alunos

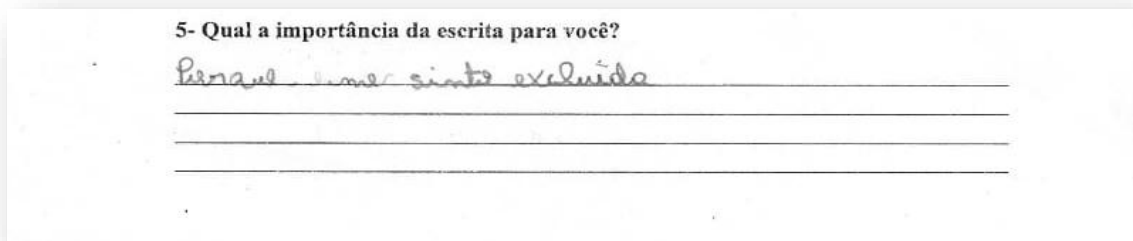
Nesta subseção, apresenta quais foram os resultados da pesquisa com os cinco alunos que se auto identificaram como tendo dificuldades de escrita.

Quando perguntado se eles tinham dificuldades para aprender, apenas quatro alunos responderam que “sim” e uma aluna respondeu que “não” tem dificuldades para aprender, quando perguntado, você tem dificuldades em que? Escrita, Leitura, Matemática, Português e outros. Apenas três alunos responderam que têm dificuldades em escrita, os outros dois alunos responderam que, além da dificuldade em “escrita” têm dificuldades em outras matérias “matemática, inglês, português e leitura”. A terceira pergunta foi sobre região onde eles moram, se é rural ou urbana, apenas um aluno respondeu que mora na “zona rural” e os outros quatro alunos responderam que moram na zona “urbana”.

Já na quarta pergunta, quando perguntamos se seus pais sabem ler e escrever, todos respondem que “sim”, e a quinta e última pergunta do instrumental, foi para eles escrevessem sobre “qual a importância da escrita para eles”.

Para dar início à análise, vejamos a seguir, de acordo com a pergunta citada acima. Apresentarei recortes de alunos e seus escritos respondendo a quinta pergunta. De acordo com o ponto de vista de cada figura.

Figura 1- Recorte do questionário.



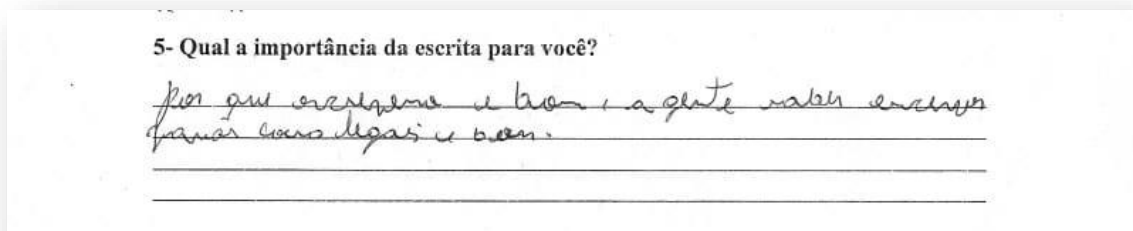
5- Qual a importância da escrita para você?

Porque me sinto excluída

Imagem (01) Foto autoria própria

(Transcrição da resposta: “Porque me sinto excluída.”)

Figura 2 - Recorte do questionário.



5- Qual a importância da escrita para você?

por que escrevemos e bom, a gente saber escrever fomar coisas legais e bom.

Imagem (02) Foto autoria própria.

(Transcrição da resposta: “por que escrevemos e bom, a gente saber escrever fomar coisas legais e bom.”)

Figura 3 - Recorte do questionário.

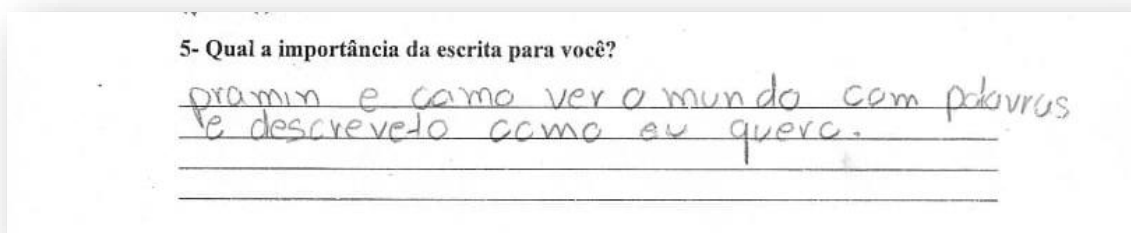


Imagem (03) Foto autoria própria

(Transcrição da resposta: “pra mim e como ver o mundo com palavras e descreve-lo como eu quero.”)

Figura 4 - Recorte do questionário.

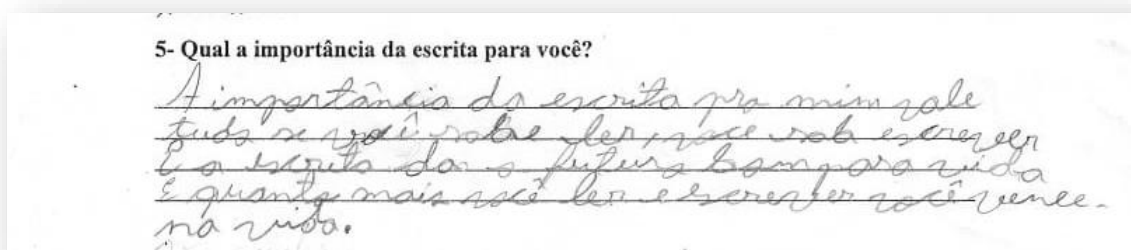


Imagem (04) Foto autoria própria

(Transcrição da resposta: “A importancia da escrita pra mim vale tudo se você sabe ler, voce sab escrever E a escrita da o futuro bom para vida E quanto mais você ler e escever você vence, na vida.”)

Figura 5 - Recorte do questionário.

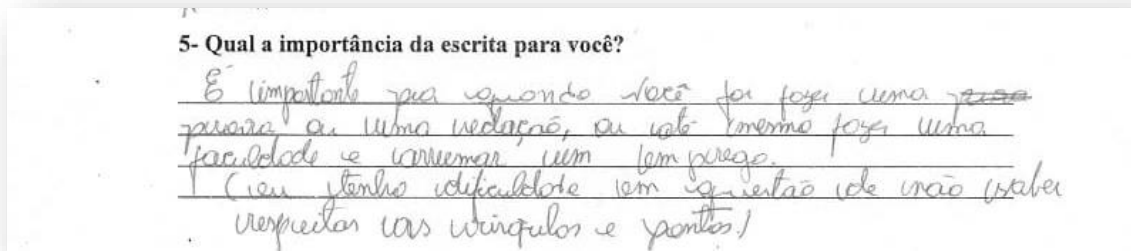


Imagem (05) Foto autoria própria

(Transcrição da resposta: “É importante pra quando você for fazer uma prova ou uma redação, ou até mesmo fazer uma faculdade e arrumar um emprego. ‘eu tenho dificuldade em questão de não saber respeitar as vírgulas e pontos.’”)

Observando que em todos os cinco recortes, é possível perceber quão grande é a importância da escrita na perspectiva de cada aluno, ao seu ponto de vista, cada um pontua como a escrita é importante tanto no seu dia-dia e para com o seu futuro.

É importante ressaltar que, segundo Ferreiro (1996, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Em outras palavras, o desenvolvimento da alfabetização, consistem em métodos nos quais o professor é o mediador e facilitador transmitindo seus conhecimentos aos seus alunos. Mostrando ao aluno qual a importância da escrita, junto às informações sociais, visando seu futuro como profissional de amanhã. Nos trechos destacados, fica claro que os alunos sabem a importância da escrita e sua função social.

3.2 Descrição e análise dos textos e desenhos dos alunos

Nesta subseção, apresentaremos os desenhos e os textos produzidos pelos alunos, para que tenhamos uma compreensão mais detalhada, que integre essa parte da análise, compreendendo os cinco desenhos e textos.

Faremos uma relação entre os desenhos, apresentando o que se repete, o que tem em comum nos desenhos produzidos pelas crianças, com relação às suas dificuldades de escrita. O que se relaciona por meios desses desenhos, pois sabemos que para a psicologia cada desenho tem uma representatividade em particular para a criança é

observar como é esses alunos definem suas dificuldades em escrita. E por fim apresentar o que se repete no aluno um, no aluno dois, no aluno três, no aluno quatro e cinco.

Por meio dos textos, buscamos discorrer e pontuar alguns pontos citados por Sisto, (2002), avaliando o contexto que está por trás do dia-a-dia do aluno.

As dificuldades de escrita de uma criança não indicam que ela não seja capaz de aprender em um momento posterior ao indicado a sua idade, que o diagnóstico do professor não é suficiente para determinar certas dificuldades em uma criança.

Desenho do aluno 1.

Figura 6 – Desenho primeiro aluno

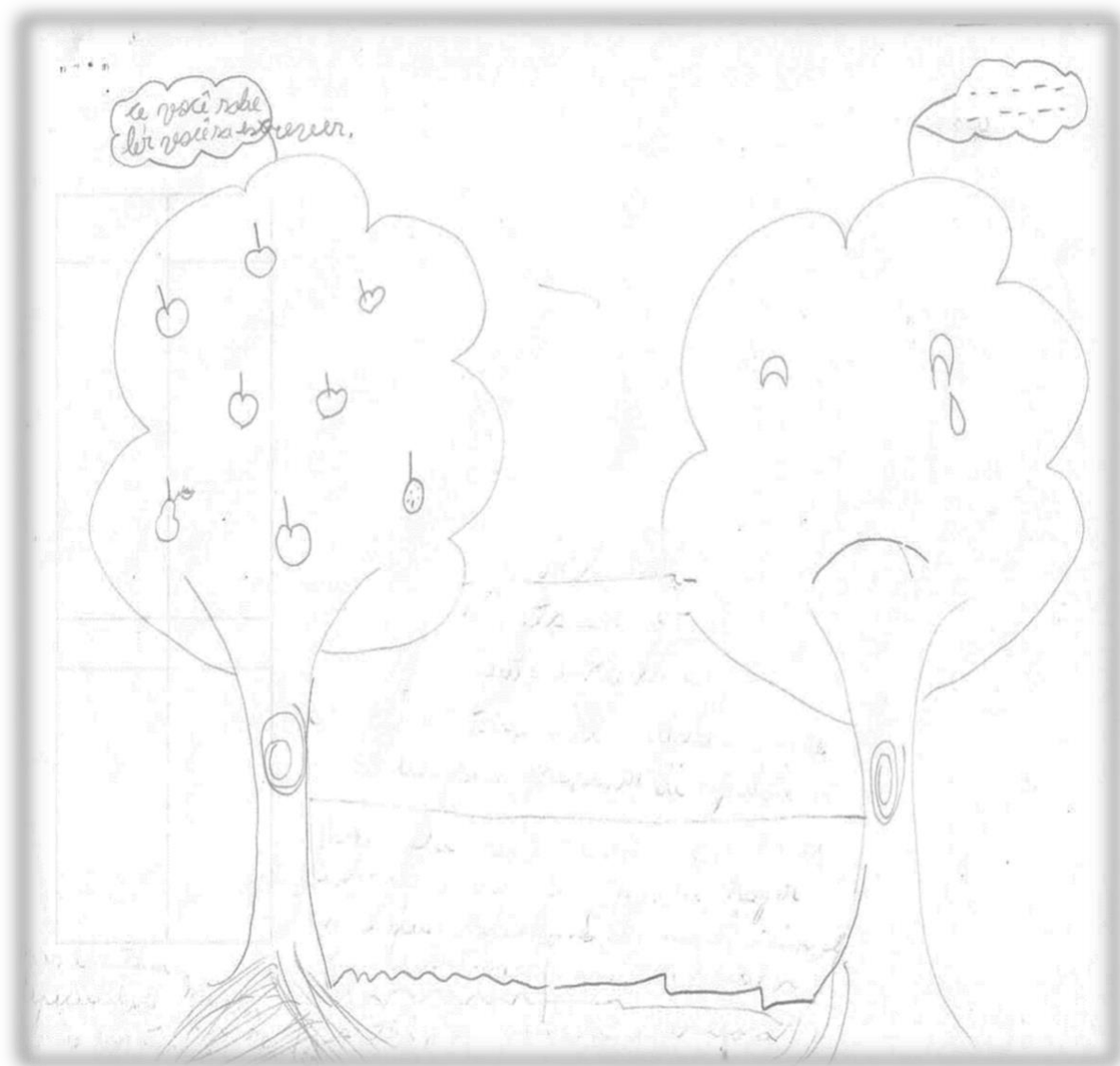


Imagem aluno 01 (foto autoria própria)

Conforme podemos observar a imagem 01, percebe-se que o aluno, de certa forma, demonstra o que é dificuldade de escrita para ele, tentando expressar por meio do desenho, fazendo uma ligação entre as duas árvores.

É possível fazer uma relação entre a primeira árvore cheia de frutos e a segunda árvore, que remete a uma inferioridade em relação à primeira. Fica notória a diferença entre os dois desenhos, passando a ideia, de que existem dimensões entre os alunos que conseguem desenvolver certas atividades enquanto há aqueles que não conseguem. A primeira árvore é frondosa, consegue dar frutos, é bem enraizada no chão e nela o aluno escreve que se “você sabe ler, você sabe escrever”, indicando aquela é a árvore que sabe escrever; a segunda árvore, por sua vez, é designada por pontinhos (...), no balãozinho de fala, ela não consegue dizer, pois não sabe escrever; tal árvore é triste e chora, apesar de estar viva, não está tão enraizada ao chão quanto a primeira.

Segundo Campos (2000), apesar de serem duas árvores, ambas são representativas do eu da pessoa que desenhou, identificando alguns traços de personalidade. Assim, com base na autora, é possível inferir que o aluno tem bases de personalidade bastante fortes, mas, quando se trata de seu universo escolar, ele se autorretrata com muita fragilidade emocional. Outro aspecto relevante é a cicatriz que aparece nas duas árvores, representando algo traumático na vida da criança. Pela localização da cicatriz é algo que aconteceu recente em sua vida. Campos (2000, p.56) “refere que traços de experiências remotas tendem a ser representados na base do tronco, e os de ocorrência mais recente, no topo.”

Os traços retos e proporcionais do tronco realizados no desenho 1 dizem de um desenvolvimento normal de personalidade, porém o nó (cicatriz) apresentado diz de algo traumático, que pode ser a própria experiência da escrita, uma vez que a solicitação era fazer um desenho sobre como era não saber escrever. Ainda, as raízes demonstram uma necessidade de se firmar no chão, indicando imaturidade e dificuldades com problemas no momento, contudo os frutos indicam tentativa de compreender a própria vida e refletir sobre ela (CAMPOS, 2000).

Figura 7 – Desenho segundo aluno

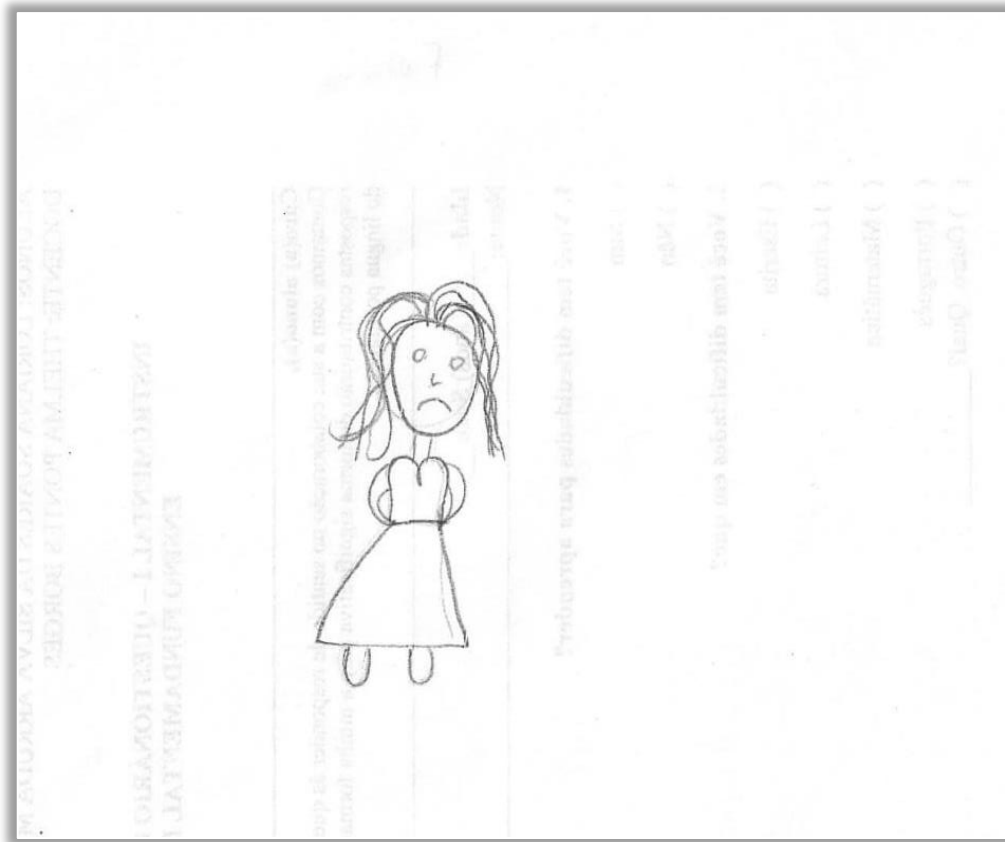


Imagem aluno 02 (foto autoria própria)

Já no segundo desenho, é possível perceber como o aluno se sente, ao analisarmos seus traços e expressões faciais e das mãos, característicos de um sujeito que, por ter certas dificuldades, não é capaz de perceber o seu valor, passando uma ideia de distanciamento, uma visão negativa de si mesmo.

O desenho perpassa uma ideia de um aluno triste, zangado. Por exemplo, quando damos um doce, brinquedo ou qualquer outro objeto a uma criança, e logo em seguida, retiramos de suas mãos, a intenção dela é automaticamente de esconder as mãos e ficar triste perante o ocorrido.

No segundo desenho, é possível percebermos que o aluno expressa uma ideia de tristeza. Com base em sua expressão facial, notamos que esse aluno em meio as suas dificuldades, manifesta insegurança, sensação também percebida no cabelo ralo. Os olhos desenhados sem pupila é um indicativo de dificuldades de se relacionar com o ambiente e fechamento em si mesmo, com grandes indícios de egocentrismo (CAMPOS,

2000). A linha do pescoço, separando bem o corpo da cabeça, fala de uma criança que tenta se controlar e utilizar da razão. Com relação aos braços para trás, Campos (2000, p. 95) escreve “insegurança de sua participação com o meio”, como nesse caso, o desenho refere-se as suas dificuldades com a escrita, nada mais natural do desenho representar tal insegurança.

Figura 8 - Desenho do terceiro aluno

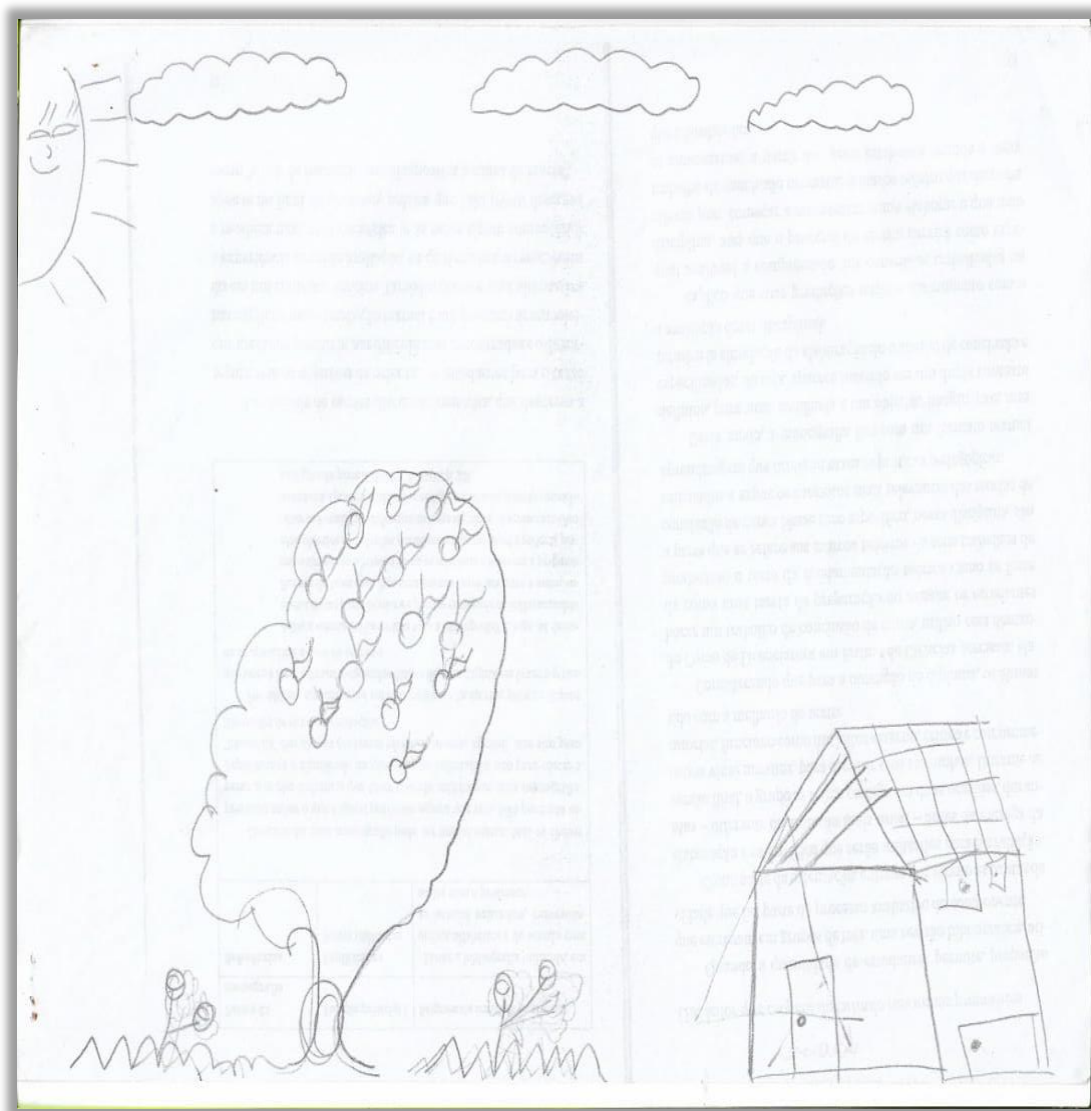


Imagem aluno 03 (foto autoria própria)

No terceiro desenho, percebe-se que, este aluno é cheio de sonhos, demonstra que, mesmo tendo suas dificuldades em leitura e escrita, seu desenho perpassa uma ideia emotiva.

O sol, as nuvens, árvore, casa e flores evidenciam que há um interesse do aluno.

Conforme a figura 8, vale analisar a representação de cada imagem, pois elas exercem uma fonte de informações, que contribuirão para o aprendizado deste aluno, estabelecendo um conjunto de informações que irá ajudá-lo a superar suas dificuldades.

Nesse caso, trata-se de alguém com uma personalidade bastante desenvolvida, com árvores com frutos e uma copa grande indicando capacidade de pensamento, porém o tronco é mais curto e desproporcional à copa indica muita pressão externa sobre a criança. Assim como no desenho 1, há uma grande cicatriz no alto do tronco, indicando algum fato traumático na vida da criança (CAMPOS, 2000).

Já no desenho da casa, o teto é representativo das fantasias “amarrar o teto” como ocorre no desenho diz de uma necessidade grande de autocontrole emocional e sexual, contudo tal representação é normal na idade de entrada na adolescência, mas, se aliarmos o teto, com o fato, das paredes parecerem estar desconjuntadas, temos um perfil de criança com uma representação de instabilidade emocional, também percebida no aumento da copa da árvore. As paredes da casa representam no desenho a força emocional da pessoa e seria esperado que estivessem firmes, sem darem a sensação de que podem cair a qualquer hora. As portas e janelas fechadas também representam as dificuldades de se relacionar com as pessoas e o mundo (CAMPOS, 2000)

Figura 9 – Desenho do quarto aluno.

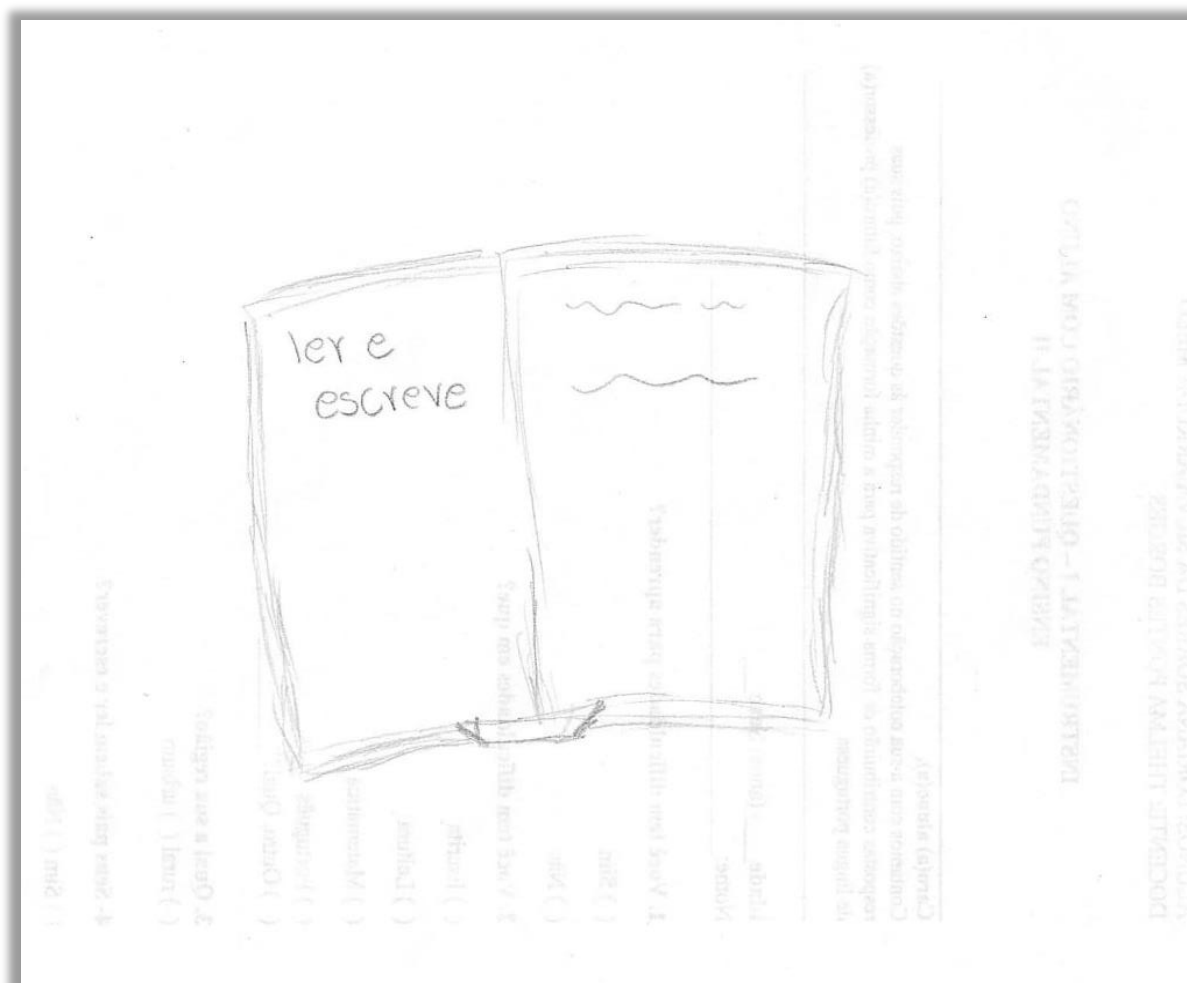


Imagem aluno 04 (foto autoria própria).

Na figura 9 o aluno por meio do desenho descreve sua dificuldade na escrita. Sendo possível perceber com base em seu desenho, como o aluno relaciona suas dificuldades na escrita, fazendo uma ligação a prática de leitura.

Conforme o desenho acima, fica evidente como esse aluno tem conhecimento de que a falta de leitura interfere no processo escrita.

Figura 10 – Desenho do quinto aluno

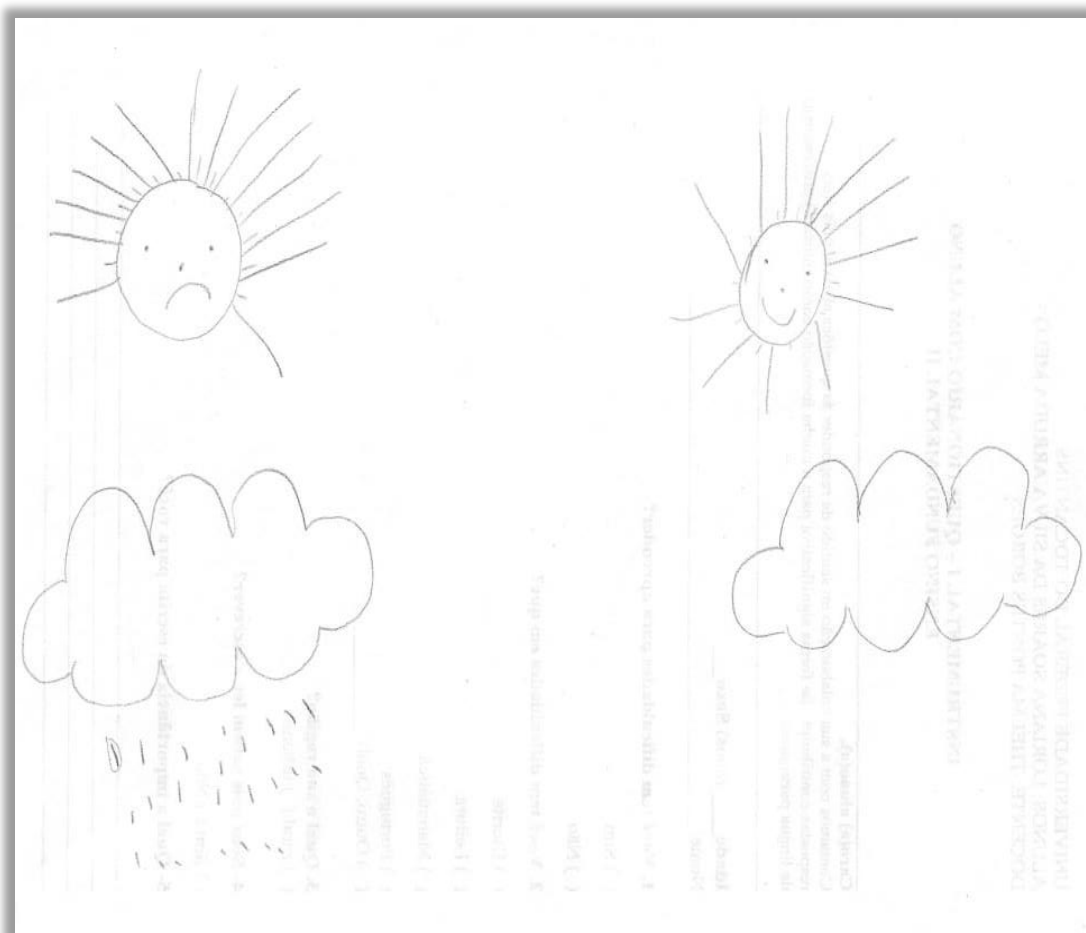


Imagem aluno 05 (foto autoria própria).

Já na figura 10, o aluno perpassa uma ideia de dois mundos, uma realidade bem atual no que diz respeito à inclusão e ao acompanhamento que esses alunos precisam ter, em relação às suas dificuldades. Assim como no primeiro desenho, em que havia duas árvores, aqui também existem duas nuvens, porém ambas representam a criança que vive na dualidade de ser feliz e emocionalmente estável, mas tem sempre um lado que a fragiliza e ainda não foi superado.

O primeiro desenho representa um mundo onde o sol é triste e chove o tempo todo, remete uma imagem que passa a ideia de preocupação, fazendo-se necessário saber os motivos que levam o aluno a se sentir dessa maneira, contudo inferimos que é justamente sua condição de não letrado que provoca tal sensação.

No segundo desenho, mostra como seria, se suas dificuldades fossem superadas, mesmo diante de um mundo que parece distante ao aluno. Por meio do desenho, ele transmite uma imagem de otimismo e crença, superação para com sua baixa autoestima

quando se refere à escrita. Também pode ser compreendido que o aluno consegue se desvencilhar do problema da escrita e se manter firme em outras situações.

Para analisarmos os desenhos descritos acima os dividiremos em categorias.

1- Desenhos que se relacionam entre si por meio de imagens e repetições

Percebe-se que, nas imagens um e três, existe uma relação entre os desenhos aqui apresentados. No desenho um, o aluno apresenta duas árvores, como se representasse dois mundos diferentes: o dos letrados e dos não letrados.

No quinto desenho, também aparece, pela representação de duas nuvens, a performance de dois mundos diferentes, um triste e o outro alegre, dicotomizando a vida daqueles que sabem ler e a dos que não sabem ler.

2- Desenhos expõe traços afetivos

No primeiro, segundo e quarto desenhos é possível ver a representação da tristeza pela aparência das carinhas tristes e dos choros.

3- Desenhos expõe traumas

Os desenhos com as árvores e com a casa demonstram sinais de traumas emocionais nas crianças, que podem ser em decorrência de fatores familiares, mas podem ser também representativos das dificuldades de escrita. No caso, da última hipótese, cabe ressaltar o nível de sofrimento que tal problema vem causando na vida destas crianças.

3.3 Descrição e análise de textos dos alunos

Foi solicitado, após a entrevista com os alunos, para que eles produzissem um texto, contando uma história de alguém que tenha dificuldades em escrita. Após observar seus textos, é possível perceber que os alunos, que tem dificuldades na escrita, não produzem textos longos.

Percebe-se em seus textos, que os mesmos, ao falarem sobre alguém que tem dificuldades na escrita, apenas descrevem como é não saber escrever e pontuar um texto, demonstrando dificuldades de simbolizar e criar histórias relacionadas com os próprios problemas.

Eles não se atentaram, em escrever uma história, por não entenderem o que lhes foi solicitado ou pelo grau de dificuldades em escrever um texto, ou pelas dificuldades

emocionais que a tarefa exigia, uma vez que tinham que se utilizar exatamente de uma ferramenta na qual dizem ter dificuldades.

É possível reconhecer que, os alunos conseguem perceber qual a importância e a função social da escrita, fato que já havia aparecido nas entrevistas, veja:

Figura 11 – Texto do primeiro aluno

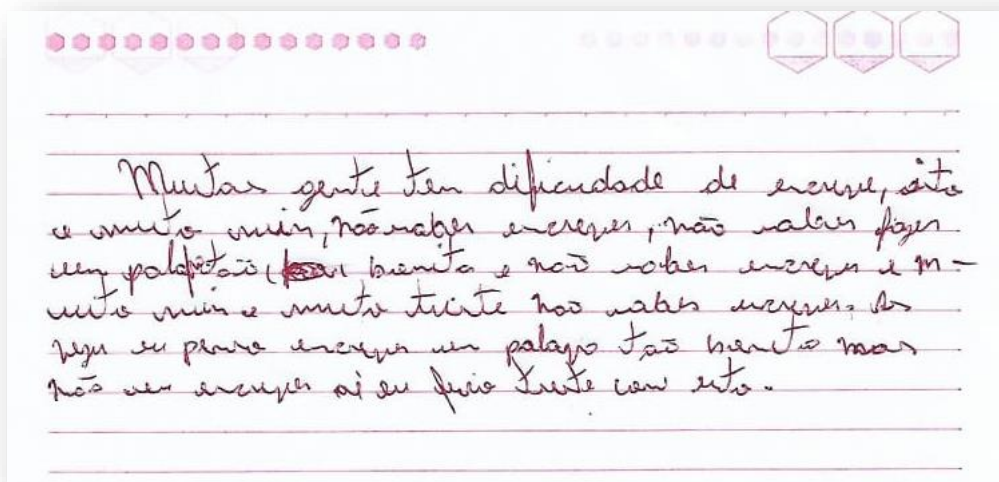


Foto (01) autoria própria

Transcrição do texto do aluno um.

“Muitas gente tem dificuldade de escrever, isto e muito ruim, não saber escrever, não saber fazer um palavra bonita não saber escrever e muito ruim e muito triste não saber escrever. As vezes eu penso escrever um palavra tão bonita mas não sei escrever ai eu fico triste com isto”.

Figura 12 – Texto do segundo aluno

Arvore do pensamento ela e muito inteligente ela corre atrás dos seus objetivos e quer ela quer sem precisar de ajuda.

A arvore sem o pensamento ela se esforça mais não consegue chegar nos seus objetivos. E ela não tem inveja do outro ela, quer ser igual a outro, ela e bombara e generosa, mas ela tem muita dificuldade de aprender porisso ela não consegue alcançar os seus objetivos.

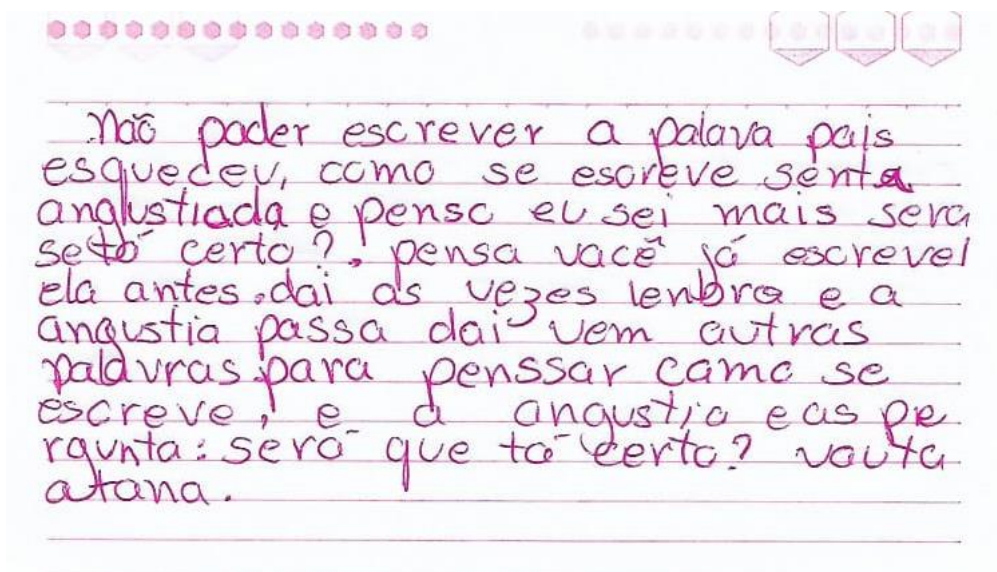
Foto (02) autoria própria

Transcrição do texto do aluno dois.

“Arvore do pensamento ela e muito inteligente ela corre atrás dos seus objetivos e o quer ela quer sem precisar de ajuda.

A arvore sem o pensamento ela se esforça mais não consegue chegar nos seus objetivo. E ela não tem inveja da outra ela, quer ser igual a outra, ela e bomdosa e generosa, mas ela tem muito dificuldade de aprender porisso ela não consegue alcançar os seus objetivo.”

Figura 13 – Texto do terceiro aluno



Foto(03) autoria própria

Figura 14 – Texto do quarto aluno

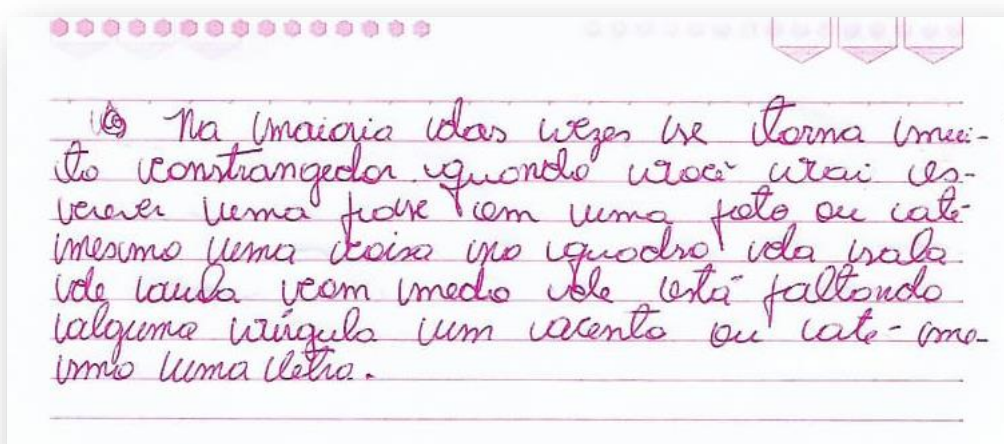


Foto (04) autoria própria

É interessante notar nos quatro trechos que as crianças sabem escrever, elas não estão ortogramatizadas e familiarizadas com as normas padrão da Língua Portuguesa. As crianças das figuras 3 e 4 conseguem expressar suas ideias com muita clareza. E além de demonstrar que sabem para que servem a escrita, também mostram aspectos de si mesma e seus sentimentos com relação às próprias dificuldades.

De acordo com Correa (2012, p. 144), “a construção de uma narrativa de sucesso se mostrou também uma impossibilidade para as crianças que não conseguiram, [...]”

dominar o sistema de escrita”, ou seja, nem sempre o que é solicitado para que o aluno execute será possível de se realizar, pois existem impossibilidades para com os alunos mesmo que, sabendo o que foi solicitado não conseguiram realizar determinadas tarefas.

Não podemos esquecer que a escrita é muito mais do que aprender e conduzir-se, para uma aprendizagem de conteúdos e matérias, que ajudará o aluno, dentro e fora da sala de aula.

Segundo, Emília Ferreiro, (1999, p.47), “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Assim, é um processo contínuo que vai além das séries iniciais proporcionado ao aluno uma construção de sua formação pessoal, é possível para a escola a construção de estratégias de superação dos problemas de escrita destes alunos.

E necessário perceber que suas dificuldades em não conseguir produzir uma história é tão real para eles, que há uma impossibilidade de simbolização, não conseguindo produzir algo fictício, uma história que representasse suas dificuldades.

Nosso trabalho analítico está diretamente relacionado às regularidades de informações, pois, apesar dos textos acima serem histórias diferentes, analisaremos o que se repete na fala das crianças, em relação as suas dificuldades em escrita por meio de categorias.

1-Tristeza, insegurança

Partindo das observações, discorremos por meio do que se repete entre os textos produzidos pelos alunos, o que tem de regular em seus escritos, na figura 11, o aluno descreve sua tristeza “**habito de não saber escrever é muito triste não saber escrever**”, há uma regularidade a figura de número 12 “**ela tem muita dificuldade de aprender**”, ou seja são dois textos, existe uma ligação entre as falas, não saber escrever e dificuldade de aprender.

2-Angústia e constrangimento

Já na figura de número 13 e14 apresentam duas categorias, “**não pode escrever a palavra pois esqueceu, como se escreve sente angustia e pensa eu sei mais sera se tá certo?**” e na figura 14, apresenta a seguinte fala “**na maioria das vezes se torna muito constrangedor quando você vai escrever uma frase em uma foto**”, ambos os textos descrevem como é, não ter o domínio da escrita.

3- Sentimentos e sonhos

Num primeiro momento, podemos perceber que, nos textos das figuras um, dois, três e quatro, apesar de suas dificuldades os alunos expõem uma regularidade de informações, que se comunicam, pelo fato de se tratarem de sentimentos, manifestos em seus escritos, por não estarem acostumados a falar sobre assuntos essenciais, que passam muitas vezes despercebidos em seu dia-a-dia.

3.4. Resultados das entrevistas com os alunos

1- Pais que não acompanham os filhos na escola

Quando perguntamos na entrevista para os alunos, se seus pais sabem ler e escrever, e o que eles acham da sua dificuldade, é possível perceber pelas falas que, não existe um acompanhamento destes alunos pelos pais na escola, suas respostas além de ter “pausas longas”, os alunos respondem que seus pais são muito “ocupados”, “minha já sim importou mais...”. Fica perceptível, na fala dos alunos três, quatro e cinco, existe uma regularidade, mesmo sendo famílias diferentes. Como veremos nos recortes abaixo.

Cena Enunciativa dos alunos III, IV e V

Aluno 03: entrevistado: meu pai sabe... entrevistador: o que eles acham da tua dificuldade? ((pausa longa)) entrevistador: tem que melhorar? o quê que eles acham? entrevistado: tem que melhorar muito...

Aluno 04: entrevistado: minha mãe sabe... meu tio não sabe ler nem escrever... meu padrasto... entrevistador: éhh:: o que eles acham dessa tua dificuldade? entrevistado: a minha mãe ela não sabe muito... porque ela é muito ocupada... né? mas... o que ela acha... ela acha um pouco meio... bom... nem ruim... entrevistador: hm:: entendi... ela não dá muito a opinião dela sobre o assunto? entrevistado: é...

Aluno 05: entrevistado: mais ou menos... assim... minha mãe não é muito assim não... entrevistador: o que eles acham da sua dificuldade de escrita? entrevistado: eles... meio que... a minha mãe já se importou mais... ela já... procurou... éhh:: tentar um professor... nas horas vagas... mas não deu certo...

(Entrevista com alunos no dia 12/11/2019)

Ao analisarmos a CE dos alunos III, IV e V, há uma certa ausência dos pais em acompanhar seus filhos na escola, ou seja, percebe-se uma regularidade nas fala dos alunos.

2- Função social da escrita

Podemos verificar nas CE dos alunos abaixo, como os alunos conseguem perceber a função da escrita, quando explicitam a necessidade de se comunicar pela internet, entre outros.

Cena Enunciativa dos alunos I, II, III, IV e V

Aluno 01: entrevistado: eu acho que a escrita... ela seria/ quando "cê" não sabe ler/ quando se aprende ler "cê" descobre um mundo totalmente diferente... ele muda completamente pra você... então eu acho que é bem importante a escrita pra mim...

Aluno 02: entrevistado: é porque a gente sabendo escrever... éhh:: num/ no/ no/ no celular... com internet evoluído... ((inaudível)) pra ensinar aquelas pessoas pra escrever algumas palavras "difícis"... que tipo... as pessoas perguntam... e eu num sei escrever... eu num sei dar a resposta... aí fica meio complicado pra mim...

Aluno 03: ((pausa longa)) entrevistador: te ajudaria na escola... em casa... no teu dia a dia? entrevistado: aham... ((afirmação))

Aluno 04: entrevistado: a importância da escrita... a escrita ela tem que ser feita por pensamentos... e se você sabe escrever... você sabe ler... se não souber... no futuro não vai dar nada... se você não saber ler... nem escrever... você não vai ter um futuro mais pra frente...

Aluno 05: entrevistado: éhh:: muito importante... né? no/ porque você pode fazer uma redação... tipo... mais pra frente... talvez no Enem... e aí... eu ainda não consigo...

Entrevista com alunos no dia 12/11/2019

Percebe-se que, os cinco alunos, respondem que a escrita é importante para “conhecimento de mundo.”, “no celular... com internet evoluído... pra ensinar aquelas pessoas pra escrever algumas palavras "difícis"...”, “a escrita ela tem que ser feita por pensamentos... e se você sabe escrever... você sabe ler... se não souber... no futuro não vai dar nada...”, “porque você pode fazer uma redação... tipo... mais pra frente... talvez no Enem...”.

É perceptível como os alunos fazem uma relação em suas respostas com o futuro.

3- Dificuldades que os enfrentam na escola

Quando perguntei quais outras dificuldades eles tinham além da escrita, responderam da seguinte forma como veremos, na cena enunciativa:

Cena Enunciativa dos alunos I, II, III, IV e V

Aluno 01: entrevistado: éhh:: além da escrita... eu acho que... deixa eu ver... só mesmo... e a preguiça pra ler...

Aluno 02: entrevistado: eu tenho... eu sou muito ruim de interpretar texto e matemática...

Aluno 03: ((silêncio)) entrevistado: conversar com o professor...

Aluno 04: entrevistado: eu tenho dificuldade... muita dificuldade... mais em matemática... e em inglês... e em ALE também...

Aluno 05: entrevistado: eu tenho dificuldade em matemática... né? e:: em escrever... acho que só... assim...

(Entrevista com alunos no dia 12/11/2019)

Ao analisarmos as respostas de cada aluno, apesar da dificuldade, que descrevem “preguiça”, “interpretar textos”, “matemática, inglês, ALE”, “matemática”, dificuldades que, sem leitura e escrita são difíceis de serem superadas.

Não perdendo de vista o foco deste capítulo de análise, é preciso considerar que, as categorias aqui apresentadas, vale-se de, regularidades de informações, acolhida, em um primeiro momento, a definição apresentada pelos alunos, e, em seguida, lança-os a outros tipos de ocorrência do tipo o que se repete na fala das crianças, tornando possível, uma análise com base, no conteúdo das entrevistas dos alunos entrevistados, em que relacionamos suas respostas, no próprio espaço que, entre de sala de aula, escola e família. Por exemplo, de modo a mostrar aos leitores outras definições, com relação ao contexto em que cada criança estar inserida, e o que se repetem em suas falas.

3.5. Resultado da entrevista realizada com os pais dos alunos

Nessa subseção, apresentaremos as entrevistas realizadas com os cinco pais dos alunos entrevistados. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas, com pais que aceitaram vir à escola para realização da entrevista e com pais que se denominaram “muito ocupados” cujas entrevistas foram realizadas por telefone.

Analisaremos suas respostas por meio de seis categorias, tecendo sobre elas uma regularidade de informações que se repetem na fala dos pais, sobre a dificuldade de escrita de seus filhos.

Por meio dessa entrevista, apresentaremos informações sobre o perfil desses pais, e de como eles definem o acompanhamento de seus filhos na escola, e sus dificuldades de aprendizagem na escrita, de acordo com a cena enunciativa descrita pelos pais, durante as entrevistas.

1. Falta de acompanhamento dos filhos na escola.

Na entrevista, quando perguntado se o familiar acompanha seu filho na escola, percebe-se que o acompanhamento é frágil e a falta de tempo comparece como justificativa para o fato.

Vejamos, a seguir, a Cena Enunciativa (CE 1):

Cena Enunciativa com os pais I, II, III, IV e V

Pai 1: Entrevistado: eu venho... mais é em casa... acompanho mais é em casa... porque eu não tenho tempo...

Pai 2: Entrevistado: acompanho...

Entrevistado: indo lá ver as notas dela... sou eu que sempre levo... todos os dias... aí ela... pra voltar... ela volta de ônibus... né? porque eu já tô no serviço... não tem como... mas pra ir todo dia eu que levo...

Pai 3: Entrevistado: éhh:: quando eu tenho tempo... eu acompanho... né? mas quando... tem vez que eu chego em casa ela não me acha mais... já tem saído já...

Pai 4: Entrevistado: muito não... por causa da minha avó... porque eu não posso deixar ela só...

Pai 5: Entrevistado: sim...

Entrevistado: com as tarefas em casa... vou ao colégio ver como é que tá o rendimento dela... vou a escola... e "tô" sempre acompanhando aqui através dos cadernos...

(Entrevista ocorrida em 18/11/ 2019 s/p.)

Percebe-se na resposta dos pais um, dois, três e quatro que, a uma regularidade em seu enunciado, mesmo sendo informações diferentes, é possível perceber que, não existe um acompanhamento de seus filhos na escola, pois todos se portam como ocupados, perante suas respostas.

Já quanto ao quinto pai fica evidente em sua fala, como é seu acompanhamento. Sua resposta é coerente e perpassa uma visão de como acontece esse acompanhamento, pois em sua fala ele cita alguns trechos de como é esse acompanhamento: “com as tarefas de casa, vou ao colégio ver como é que tá o rendimento dela”.

Vale ressaltar que durante a entrevista esse e o único pai que não trabalha, todos os outros, entrevistados afirmam que trabalham ou têm alguma outra ocupação.

Deve-se considerar neste ponto que nem sempre os pais sabem como acompanhar ou o que fazer para auxiliar seus filhos. Muitas vezes, a simples preocupação dos pais com o dia-a-dia da criança, ou uma conversa sobre os colegas e os professores funcionam como estreitamento da relação família-escola. Cabe às escolas um trabalho de formação dos pais para compreensão desse processo.

2. Desconhecimento dos pais sobre a dificuldade de escrita de seus filhos

Prosseguindo com a análise, ao perguntarmos aos pais se seus filhos têm dificuldades em alguma matéria, obtivemos a seguinte resposta:

Cena Enunciativa com os pais I, II, III, IV e V

Pai 1: Entrevistado: na/ tem... na escola sim... principalmente na aula de matemática ela...

Pai 2: Entrevistado: numa matéria... é?
Entrevistado: tem... muito em matemática...

Pai 3: Entrevistado: tem...

Entrevistado: éhh:: escrever direito... ler...

Pai 4: Entrevistado: matemática...

Pai 5: Entrevistado: ela tem dificuldade na escrita?
(Entrevista ocorrida em 18/11/ 2019 s/p.)

De acordo com a CE acima, fica evidente uma que, há uma regularidade entre as falas dos entrevistados, pois, segundo Sisto (2002, p. 122), “dentre as aprendizagem básicas as que são consideradas instrumentais para a vida social e acadêmica, que seriam a linguagem oral, a leitura, a escrita e a matemática”. Ou seja, existe uma relação na CE dos pais.

Três das respostas remetem à matemática, uma é genérica e a última é respondida na forma de pergunta, demonstrando um desconhecimento sobre a situação. Mas, ao citarem ou dificuldades em matemática ou em escrita, demonstram ter a noção da importância das áreas para o rendimento escolar da criança.

3. Pais que não acompanham os alunos em suas atividades para casa

Em relação ao acompanhamento, dos alunos nas tarefas para casa, é possível perceber na (CE 3) que, nas respostas dos pais, há um déficit no modo como ocorre esse acompanhamento.

Vejamos, por meio da CE 3.

Cena Enunciativa com os pais I, II, III, IV e V

Pai 1: Entrevistado: às vezes... às vezes ela/ ela faz só...

Pai 2: Entrevistado: não... mas ela/ ela/ eu acompanho ela fazendo... de vez em quando eu olho no quarto ela tá fazendo as tarefas...

Pai 3: Entrevistado: não... quando eu chego ela já tem feito já... eu chego em casa sete e meia...

Pai 4: Entrevistado: não... ela se vira sozinha na internet...

Pai 5: Entrevistado: sim...

(Entrevista ocorrida em 18/11, 2019, s/p.)

Nesse recorte, apenas um pai afirma que acompanha seu filho na escola. Os demais dizem que não, apesar de tentarem justificar pela companhia da internet ou por averiguar se a criança está fazendo a atividade.

É compreensível que os pais não acompanhem seus filhos nas atividades e na vida escolar, uma vez que ocorre um distanciamento das relações, como se a vida da criança fosse algo à parte da vida dos pais. Ressalta-se que o conhecimento dos pais sobre os conteúdos estudados são de pouca relevância para o sucesso escolar, o que contribui é a presença familiar de testemunha de seus progressos e dificuldades (CARVALHO, 2003).

4. Como os pais definem a importância da escrita

Quando perguntado aos pais o que eles entendem sobre dificuldade de escrita, obtivemos os seguintes resultados na (CE 4).

Cena Enunciativa com os pais I, II, III, IV e V

Pai 1: Entrevistado: ixi... ((risos)) não sei falar...

Pai 2: Entrevistado: a pessoa que esquece da/ esquece da/ às vezes esquece "duma" letra... troca uma pela outra... e a pontuação... né? que é aqueles... vírgula... isso tudo é...

Pai 3: Entrevistador: o que a senhora entende sobre a dificuldade de escrita? a senhora mesmo... o quê que a senhora acha sobre a dificuldade de escrita?

((pausa))

Entrevistador: se a senhora não quiser responder a gente passa pra frente...

Entrevistado: hum...

((pausa))

Entrevistador: a senhora não quer optar por essa... né?

Entrevistado: não...

Pai 4: Entrevistado: é... assim... troca as palavras/ as letras... faz tudo errado... a minha menorzinha é desse jeito... que eu não consigo entender a letra dela pra responder as tarefas... agora a da A. ((abreviatura de nome completo)) eu já entendo...

Pai 5: Entrevistado: quando a pessoa não faz um texto com coerência... e quando a pessoa... escreve incorreto as palavras... as vezes troca o 'n' pelo 'm'... coloca a palavra incompleta... na frase...

(Entrevista ocorrida em 18/11/2019, s/p.)

Ao analisarmos essa categoria, é perceptível aqueles que definem dificuldade de escrita, aqueles que preferem não citar seu ponto de vista ou não sabem definir seu entendimento sobre dificuldade de escrita. Seja como for, a compreensão das dificuldades de escrita passa pela noção da importância desta na sociedade.

5. O que os pais acham sobre a importância da leitura escrita

Vejam os pais compreendem a importância da escrita, de acordo com (CE 5), conseqüentemente, como eles constroem seu lugar de fala, conforme seu conhecimento de mundo, sobre a importância da leitura e escrita.

Cena Enunciativa 5

Pai 1: Entrevistado: sim...

Entrevistado: ah:: porque é bom... né? a gente as vezes... que viajar... se você não saber ler e escrever é ruim demais...

Pai 2: Entrevistado: ah:: é muito importante... é o básico pra pessoa... porque se você não souber ler e nem escrever... gente... aí... se torna tudo mais difícil... né? muito importante...

Pai 3: Entrevistado: pra melhorar mais...

Pai 4: Entrevistado: muito... pra mim é tudo...

Pai 5: Entrevistado: muito... muito importante... porque assim... no mundo que nós vivemos não dá pra ficar sem saber ler e escrever...

(Entrevista ocorrida em 18/11/2019, s/p.)

É presumível que os cinco pais enunciam uma regularidade em sua fala, apesar de serem na maioria respostas curtas eles compreendem a importância da leitura e escrita, e relaciona a sua importância com o mundo.

6. Pais que afirmam que a escola ajuda seus filhos

Quando perguntamos o que a escola poderia fazer para ajudar seus filhos na escrita, obtivemos as seguintes respostas (CE 6):

Cena Enunciativa com os pais I, II, III, IV e V

Pai 1: Entrevistado: ((inaudível)) tá bom... tá ajudando bastante...

Pai 2: Entrevistado: quê tem uns... já tem uns... de quatro a cinco anos que ela estuda lá... sabe? eu sou muito satisfeita... com o colégio... eu/ eles já fazem muito... as professoras... a diretora... são aquelas pessoas... sabe? muito... assim... se preocupa muito com o aluno... então... eles já fizeram... e até hoje... eles são tudo amigo... demais... sabe? eles se preocupam... ele fica te comunicando... às vezes lá não

tem (estudo) aí eles não deixam... eles te ligam... então... pra mim já "tá"...

Pai 3: Entrevistado: tem que ter uma professora lá só pra ela... né?

Pai 4: Entrevistado: é ter reforço... ter reforço pra ela... porque ela tem muita dificuldade com matemática...

Pai 5: Entrevistado: a escola incentiva muito... a escola já faz um trabalho... ((inaudível)) claro... a escola sempre pode fazer mais... mas eu ainda acho que a escola é capaz de (incentivar).

(Entrevista ocorrida em 18/11/2019, s/p.)

Os pais um, dois e cinco reconhecem o que a escola tem feito por seus filhos, afirmam “tá ajudando bastante”, “eu sou muito satisfeita... com o colégio... eles já fazem muito...”, “a escola incentiva muito... a escola já um trabalho...”.

Os pais em sua maioria reconhecem o trabalho da escola, para com seus filhos. Vale ressaltar que, de acordo com Ferreiro (2002, p.43), “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultados do esforço coletivo da humanidade”, ou seja, o ponto de partida de conhecimento da criança não se inicia somente na escola, mas envolve o meio, resultados coletivo da humanidade, pois a escrita faz parte do cotidiano do aluno e pode ser percebida de várias maneiras, por exemplo, letreiros de outdoor, placas de trânsito, fachadas de lojas, supermercado e etc.

Percebemos com as entrevistas, as histórias e os desenhos que a dificuldade de escrita é uma condição que afeta a vida da criança podendo deixá-la vulnerável socialmente e emocionalmente, mais grave é a situação, quando as famílias não tem noção do que acontece com seu filho na escola. A criança, cuja família é alheia a suas vivências, sente-se desamparada no mundo e isto pode ter repercussões para toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos teorizar sobre verificar a percepção do aluno e da família sobre as dificuldades de escrita e percebemos que as crianças demonstram em suas falas capacidade para saber a importância da escrita em sua vida, bem como, maturidade para reconhecer que enfrentam dificuldades no processo de aprender. Também foi notado na análise dos desenhos as dificuldades emocionais dos alunos e como o não saber escrever interfere em seu modo de se representar no mundo.

A vida dicotomizada entre o lado que sabe ler e escrever e o que não sabe e a vinculação de afetos opostos atribuídos nos desenhos as carinhas felizes e tristes reforçam à preocupação que se deve dispende com tais crianças.

Ainda, é importante ressaltar, que pela escrita das histórias, os alunos pesquisados aprenderam a ler e escrever, mas não adquiriram a capacidade de utilizar da norma padrão da língua portuguesa. Tal fato se faz relevante, uma vez que a instalação da escrita é parte de um longo processo de desenvolvimento, como vimos sobre a psicogênese da língua escrita, mas a ortografização é resultado direto de intervenções pedagógicas construtivas e corretivas. Em outros termos, um bom trabalho pedagógico é capaz de auxiliar na evolução da escrita destas crianças.

Seria interessante que novas pesquisas fossem feitas com o objetivo de aprofundar a natureza das dificuldades destas crianças, a fim de traçar um plano de superação do problema. O fato delas terem se alfabetizado descarta problemas de ordem individual, como questões cognitivas, orgânicas e/ou emocionais.

A escrita para o ser humano tem um valor simbólico que extrapola a simples comunicação, ela é representativa do ser, de seu modo de viver e de sua forma de lidar com o mundo. Aprender a escrever e se sentir capaz de transmitir informações e emoções por meio da escrita, tem relação na infância e na adolescência, com a constituição de si mesmo e com a fortificação da autoestima, ou seja, aprender a escrever tem relação com acreditar nas próprias potencialidades e na capacidade de superar problemas na vida. Uma criança ou adolescente que enfrenta dificuldades desde sempre na escola, por conta da escrita, caminha para a vida adulta com mais vulnerabilidades emocionais e sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: avaliação e diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velhas, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.
- BARBOSA, Maria de Barros. **Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: perspectivas para sua compreensão e superação**. Rio Claro, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORGES, Thelma Pontes. **Dificuldades de escrita e integridade do ego**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- Brasil. Ideb. **Índice de desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/portal-ideb>, acessado em 05 de novembro de 2019.
- Brasil. **Sistema de consulta ao Ideb**. Disponível em: <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>. Acessado em 12 de novembro de 2019.
- Brasil. **Portal do Censo Escolar**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- Brasil. **Portal da Prova Brasil e do Saeb**. Disponível em : <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/prova-brasil-e-saeb>. Acessado em 08 de novembro de 2019.
- Brasil. **Censo Escolar e da Prova Brasil/Saeb**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>. Acessado em 26 de outubro de 2019.
- Brasil. MEC/Inep – **Nota metodológica sobre a compatibilização de desempenhos do PISA com a escala do SAEB**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/metodologias/Nota_Tecnica_n3_compatibilizacao_PISA_SAEB.pdf. Acessado em 14 de novembro de 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2012.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico de personalidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CARVALHO, M. E. P. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola: O dever de casa e as relações família-escola, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, 2003.
- CORREA, Jane. **Aquisição da linguagem volume especial**, 2012. (UFRJ).

CRUZ, Laisa de Sousa. **Dificuldades de escrita: Auto percepção dos alunos no ensino Fundamental II**. 2018. Araguaína Tocantines.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FONSECA, V. **Uma introdução às dificuldades de aprendizagem**. Editorial Notícias: Lisboa, 1984.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo: **Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GARCIA, J.N. **Manual de dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

INAF Brasil 2018. **Indicador de alfabetismo funcional**. Principais resultados. Relatório. Instituto Paulo Montenegro; Ação Educativa; IBOPE Inteligência, São Paulo, 2018.

MONTEIRO, Alexandrina. A Etnomatemática e o Processo de Escolarização: possibilidades de concretização. In: SISTO, Fermino F.; DOBRÁNSZKY, Enid A.; MONTEIRO, Alexandrina (orgs.). **Cotidiano Escolar: questões de leitura, matemática e aprendizagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2001. NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**. São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996

PETRONILO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e na Escrita**. Brasília, 2007

SILVA, Gilsemara da Costa. **ALFABETIZAÇÃO PELA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA**. Pindamonhangaba – SP 2009.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e escrever: Uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artemed, 2003.

VYGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sites:

APÊNDICES

ANEXO I. TRANSCRICOES DAS ENTREVISTAS

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)

5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

TRANSCRIÇÕES

ENTREVISTADO 1

Entrevistador: qual a sua idade?

Entrevistado: tenho treze anos... e:: quatorze amanhã...

Entrevistador: ((risos)) parabéns... éhh:: sexo?

Entrevistado: feminino...

Entrevistador: seu nome?

Entrevistado: R.G.M. ((nome abreviado))

Entrevistador: você mora com quem... R?

Entrevistado: com meus pais...

Entrevistador: hm:: éhh... qual o nome do setor que você mora?

Entrevistado: Setor Couto Magalhães...

Entrevistador: hm:: qual a profissão dos seus pais...

Entrevistado: o meu pai ele "tá" encostado por causa que ele deu um problema de hérnia de disco... Na empresa... E a minha mãe é estudante da UFT...

Entrevistador: estudante... Acadêmica... Né?

Entrevistado: aham::

Entrevistador: você tem dificuldade para aprender?

Entrevistado: não...

Entrevistador: me explica como seria se você tivesse... Mas você não tem... Né?

Entrevistado: não... Acho que eu ap/ pego umas coisas até rápido... Mas é porque eu erro muito na escrita... Na hora de escrever...

Entrevistador: ah:: entendi... Seus pais sabem ler e escrever?

Entrevistado: sim... Bem...

Entrevistador: hm:: o que eles acham da/ de sua dificuldade?

Entrevistado: minha mãe... Éhh:: ela procura me ajudar... Sempre... Ela "tá" me incentivando a ler livros... Escrever mais textos...

Entrevistador: ah... Tá... Qual a importância da escrita para você?

Entrevistado: eu acho que a escrita... Ela seria/ quando "cê" não sabe ler/ quando se aprende ler "cê" descobre um mundo totalmente diferente... Ele muda completamente pra você... Então eu acho que é bem importante a escrita pra mim...

Entrevistador: ah... Entendi... Éhh: como você se sente quando não consegue realizar uma tarefa de sala de aula?

Entrevistado: eu:: peço ajuda... Pra professores... Pra amigos que já conseguiram fazer... Procuro estudar em casa...

Entrevistador: hm:: entendi.. Alguém te ajuda ou já ajudou para superar o problema de escrita?

Entrevistado: sim... A minha mãe... Como eu já disse...

Entrevistador: o professor pode fazer algo para te ajudar?

Entrevistado: eu acho que reforço... Eu viria pro reforço... Se eles...

Entrevistador: se houvesse... Né?

Entrevistado: aham::

Entrevistador: qual o seu sonho?

Entrevistado: meu sonho é ser juíza... Por isso eu quero... ((risos)) sempre eu quero aprender a ler... Escrever...

Entrevistador: hm:: entendi... O que você gosta de fazer em suas horas vagas?

Entrevistado: gosto de mexer no celular... Gosto de usar bastante o celular...

Entrevistador: quais outras dificuldades que você tem na escola?

Entrevistado: éhh:: além da escrita... Eu acho que... Deixa eu ver... Só mesmo... E a preguiça pra ler...

Entrevistador: ((risos)) tá bem... Obrigada...

Entrevistado: ((risos)) de nada...

Entrevistado 2

Entrevistador: qual a sua idade?

Entrevistado: treze...

Entrevistador: treze anos... Éhh:: sexo? Feminina... Éhh: o seu nome?

Entrevistado: f.d.a. ((abreviação do nome do entrevistado))

Entrevistador: éhh:: você mora com quem?

Entrevistado: minha mãe...

Entrevistador: éhh:: qual o setor que você mora?

Entrevistado: setor sul...

Entrevistador: qual a profissão dos seus pais?

Entrevistado: meu pai é... Trabalha em ônibus e minha mãe é doméstica...

Entrevistador: hm:: você tem dificuldade para aprender? Explique como são essas dificuldades...

Entrevistado: sim... Eu tenho... Algumas palavras que eu conheço... Mas... Eu não sei escrever...((inaudível)) algumas palavras que/ que eu não sei escrever... Acho que é só isso mesmo...

Entrevistador: hm:: éhh... Qual é a importância da escrita para você?

Entrevistado: é porque a gente sabendo escrever... Éhh:: num/ no/ no/ no celular... Com internet evoluído... ((inaudível)) pra ensinar aquelas pessoas pra escrever algumas palavras "difícis"... Que tipo... As pessoas perguntam... E eu num sei escrever... Eu num sei dar a resposta... Aí fica meio complicado pra mim...

Entrevistador: hm:: éh: você se sente/ éhh:: como você se sente quando não consegue realizar tarefas de sala de aula?

Entrevistado: éhh.. Eu ne sinto uma pessoa assim... Sei lá... Num tem explicação pra isso...

Entrevistador: entendi... Éhh:: alguém te ajuda ou já ajudou para superar o problema da escrita?

Entrevistado: não... Minha mãe não tem tempo e eu também moro só com a minha mãe e minha irmã...

Entrevistador: ah:: entendi...

Entrevistado: [ah... Aí ela/ eu só aprendo... Eu mermo...

Entrevistador: você mesmo... Né? Desenvolve sozinha... Éhh:: o que o professor pode fazer para te ajudar?

Entrevistado: o professor de português ele/ eu pergunto muitas coisas pra ele... Ele me ajuda muito...

Entrevistador: ee:: amigos e seus pais... O que eles podem fazer pra te ajudar?

Entrevistado: minha mãe só... Minha mãe/ minha mãe não tem tempo... No caso... Eu passo/ minha mãe chega/ saí de manhã... E meu pai... Meu pai mora... Eu não moro com ele... Minha mãe chega a noite... Minha mãe chega cansada... Só chega e dorme... Aí não tem como... Amigos meu eu também nem:: peço muitas vezes...

Entrevistador: hm:: entendi... Éhh:: qual o seu sonho?

Entrevistado: eu quero ser caminhoneira...

Entrevistador: éhh:: o que você gosta de fazer nas suas horas vagas?

Entrevistado: ler a bíblia...

Entrevistador: quais as outras dificuldades que você tem na escola?

Entrevistado: eu tenho... Eu sou muito ruim de interpretar texto e matemática...

Entrevistado 3

Entrevistador: qual a sua idade?

Entrevistado: dezesseis...

Entrevistador: feminino... Né? Seu nome?

Entrevistado: l. A. C. ((abreviação do nome do entrevistado))

Entrevistador: éhh:: você mora com quem?

Entrevistado: com a minha mãe...

Entrevistador: éhh:: qual o nome do setor que você mora?

Entrevistado: vila santiago....

Entrevistador: qual a profissão dos seus pais?

Entrevistado: éhh:: minha mãe trabalha de babá... Meu pai mexe com... Fazenda...

Entrevistador: hm:: você tem dificuldade para aprender?

Entrevistado: tenho...

Entrevistador: éhh:: me explica assim... Quais são as suas dificuldades? É leitura... Escrita? Como é que é a tua dificuldade?

Entrevistado: escrita...

Entrevistador: escrita... Né? Não consegue... Né? Escrever... Hm:: éhh:: seus pais sabem ler e escrever?

Entrevistado: meu pai sabe...

Entrevistador: o que eles acha da tua dificuldade?

((pausa longa))

Entrevistador: tem que melhorar? O quê que eles acham?

Entrevistado: tem que melhorar muito...

Entrevistador: éhh:: qual a importância da escrita que tu/ pra você?

((pausa longa))

Entrevistador: te ajudaria na escola... Em casa... No teu dia a dia?

Entrevistado: aham... ((afirmação))

Entrevistador: ajudaria? Hm:: éhh:: você se sente/ como você se sente quando não consegue realizar uma tarefa em sala de aula?

Entrevistado: triste...

Entrevistador: como é que você se sente? Quando o professor passa uma atividade... Passa um conteúdo e você não consegue desenvolver?

((pausa longa))

Entrevistador: você procura alguém pra te ajudar ou você simplesmente não faz?

Entrevistado: eu procuro alguém pra me ajudar...

Entrevistador: você procura alguém pra te ajudar... Né? Um colega ou o professor mesmo?

Entrevistado: o professor...

Entrevistador: éhh:: alguém te ajuda ou já ajudou para superar esse problema de escrita? Alguém já chegou até em ti querendo te ajudar? "não... Eu vou te ajudar pra você desenvolver a escrita..." teve alguém... Algum professor que fez isso por você?

Entrevistado: não...

Entrevistador: ninguém chegou em você querendo te ajudar... Né?

Entrevistado: não...

Entrevistador: hm:: entendi... Éhh... O que o professor pode fazer para te ajudar? Éhh... Uma aula só com você? O quê que tu acha que o professor deveria fazer pra te ajudar?

((pausa longa))

Entrevistador: pode ser o professor... Amigos... Os pais... O que essas pessoas tu acha que elas poderiam fazer pra te ajudar na questão da escrita?

((pausa longa))

Entrevistador: ter uma aula separada com você com você... O quê que elas poderiam/ como é que elas te ajudariam?

Entrevistado: uma aula separada...

Entrevistador: uma aula separada... Né? Você acha que no meio da turma não é suficiente para você aprender a escrita?

((pausa longa))

Entrevistador: no meios alí dos vinte... Trinta alunos... Não é... Mas se fosse só você sozinha... Só você e o professor... "cê" acha que você conseguiria?

((pausa longa))

Entrevistado: aham... ((afirmação))

Entrevistador: qual o seu sonho?

Entrevistado: ser médica...

Entrevistador: então... Na sua idade adulta "cê" quer estudar medicina?

Entrevistado: é...

Entrevistador: éhh:: o que você gosta de fazer nas horas vagas?

Entrevistado: ver televisão...

Entrevistador: assistir televisão... Né? Ah:: éhh:: quais outras dificuldades tu tem além da escrita? Quais são as outras dificuldades?

((pausa longa))

Entrevistador: leitura? Tem mais dificuldades? Realizar alguma tarefa em casa que tu vê que não dá conta... O que mais?

((silêncio))

Entrevistador: pode falar... Assim... Quais são as dificuldades que você tem... É a sua vez de falar... Oh:: não precisa ter medo... É só nós duas...

((silêncio))

Entrevistador: heim... E quais são as outras dificuldades que você tem na escola? Aqui na escola... Quais as dificuldades que você tem? É interagir com o colega? É escrever? É ler? Português? Matemática? Qual a dificuldade assim... Além da escrita que você tem aqui na escola?

((silêncio))

Entrevistador: o quê que você acha? Éhh:: quais outras dificuldades você tem aqui na escola?

((silêncio))

Entrevistador: conversar com o professor?

Entrevistado: conversar com o professor...

Entrevistador: falar que não está entendendo o conteúdo... Como é que é?

Entrevistado: não tá entendendo o conteúdo...

Entrevistador: é... Né? E o que mais? Assim...

((silêncio))

Entrevistador: éhh:: você tem dificuldade em conversar com os amigos?

Entrevistado: tenho...

Entrevistador: mas... É os amigos que se afastam de você ou você mesmo que se afasta deles?

((silêncio))

Entrevistador: é você ou ele que se afasta... Quando... Eles vêm pra conversar com você? Você que se afasta ou eles que se afastam de você?

((silêncio))

((a gravação da entrevista foi pausada e retomada em outro momento))

Entrevistado: moro com a minha mãe... Minha avó... E os meus primos...

Entrevistador: duas primas?

Entrevistado: os meus primos...

Entrevistador: ah::: os seus primos... Né? O b ((abreviatura de nome próprio)) mora com você?

Entrevistado: não...

Entrevistador: quantos primos moram com você?

((silêncio))

Entrevistador: são mais de três primos que moram com você?

Entrevistado: aham ((afirmação))

Entrevistador: mais de três primos... Né? Ee::: sua mãe olha quantas crianças?

Entrevistado: duas...

Entrevistador: então a renda da sua mãe... Né? É cuidar dessas duas crianças? Você sabe quanto que ela ganha por cada criança?

Entrevistado: não...

Entrevistador: não... Né? Tudo bem...

ENTREVISTADO 4

Entrevistador: éhh:: sua idade?

Entrevistado: quatorze anos...

Entrevistador: feminina... Né? Sexo... Seu nome?

Entrevistado: a. V. L. M. ((abreviatura do nome próprio))

Entrevistador: você mora com quem?

Entrevistado: eu moro com a minha mãe... Com meu padrasto e com a minha irmã...

Entrevistador: éhh:: qual o nome do setor que você mora?

Entrevistado: vila goiás...

Entrevistador: qual a profissão dos seus pais?

Entrevistado: a profissão da minha mãe é empregada doméstica... Cuida da minha avó com alzheimer... E do meu padrasto.... Ele trabalha na horta...

Entrevistador: mexe com verduras... Legumes?

Entrevistado: aham ((afirmação))

Entrevistador: ah:: entendi... Você tem dificuldade para aprender?

Entrevistado: sim... Muito...

Entrevistador: me explica como são essas suas dificuldades...

Entrevistado: assim... Quando vai... Éhh... As questões... De um texto... Éhh:: crônicas... Essas coisas... Eu num me sinto muito bem... Porque acho muito difícil...

Entrevistador: hm:: entendi... Então é interpretação e a escrita mesmo...

Entrevistado: é... Em escrita também... Quando eu vou escrever um texto... Éhh:: eu penso demais... Mas quando eu começo... Eu não paro mais...

Entrevistador: os seus pais sabem ler e escrever?

Entrevistado: minha mãe sabe... Meu tio não sabe ler nem escrever... Meu padrasto...

Entrevistador: éhh:: o que eles acham dessa tua dificuldade?

Entrevistado: a minha mãe ela não sabe muito... Porque ela é muito ocupada... Né? Mas... O que ela acha... Ela acha um pouco meio... Bom... Nem ruim...

Entrevistador: hm:: entendi... Ela não dá muito a opinião dela sobre o assunto?

Entrevistado: é...

Entrevistador: entendi... Qual é a importância da escrita para você?

Entrevistado: a importância da escrita... A escrita ela tem que ser feita por pensamentos... E se você sabe escrever... Você sabe ler... Se não souber... No futuro

não vai dar nada... Se você não saber ler... Nem escrever... Você não vai ter um futuro maia pra frente...

Entrevistador: éhh:: como você se sente quando não consegue realizar uma tarefa na sala de aula?

Entrevistado: me sinto muito triste...

Entrevistador: é... Né?

Entrevistado: desanimada... Eu... "ah:: eu não consigo..." mas as minhas amigas vai lá e me ensina...

Entrevistador: seus colegas te ajudam... Né? Éhh:: olha aqui... Alguém te ajuda ou já ajudou a superar o problema de escrita?

Entrevistado: não... Ninguém já me ajudou não... Mas... As vezes... Eu consigo sozinha?

Entrevistador: o que o professor pode fazer pra te ajudar?

Entrevistado: um aulão só com os alunos que tem dificuldade...

Entrevistador: e os amigos?

Entrevistado: os amigos... Eu não sei...

Entrevistador: e seus pais? O que eles podem fazer pra te ajudar na sua dificuldade de escrita?

Entrevistado: me ajudar... Éhh:: a me crescer mais...

Entrevistador: incentivar?

Entrevistado: incentivar...

Entrevistador: qual seu sonho?

Entrevistado: o meu sonho é ser... Éhh:: que cuida de cachorro e gato... Éhh:: veterinária...

Entrevistador: quando tiver adulta então... É fazer faculdade e se formar..

Entrevistado: [ou então ser advogada...

Entrevistador: o que você gosta de fazer em suas horas vagas?

Entrevistado: brincar... Ou então assistir séries e filmes...

Entrevistador: quais outras dificuldades que você tem na escola?

Entrevistado: eu tenho dificuldade... Muita dificuldade... Mais em matemática... E em inglês...

Entrevistador: em inglês... Né? Além da escrita... Suas outras dificuldades são essas?

Entrevistado: aham ((afirmação)) e em ale também...

Entrevistado 5

Entrevistador: éhh:: sua idade?

Entrevistado: quatorze anos...

Entrevistador: éhh:: seu nome?

Entrevistado: j.d. ((abreviatura do nome próprio))

Entrevistador: você mora com quem?

Entrevistado: moro com meu pai... Minha mãe... E meu irmão...

Entrevistador: éhh:: qual o nome do setor que você mora?

Entrevistado: vila goiás...

Entrevistador: qual a profissão dos seus pais?

Entrevistado: o meu pai é vigilante e a minha mãe é diarista...

Entrevistador: você tem dificuldade para aprender?

Entrevistado: tenho... Bastante...

Entrevistador: me explica como são as suas dificuldades...

Entrevistado: ahh:: eu tenho dificuldade... Na escrita... E dificuldade em cálculos...

Entrevistador: calcular... Matemática... Né? Éhh:: seus pais sabem ler e escrever?

Entrevistado: mais ou menos... Assim... Minha mãe não é muito assim não...

Entrevistador: o que eles acham da sua dificuldade de escrita?

Entrevistado: eles... Meio que... A minha mãe já se importou mais... Ela já... Procurou... Éhh:: tentar um professor... Nas horas vagas... Mas não deu certo...

Entrevistador: hm:: entendi... Qual a importância da escrita para você?

Entrevistado: éhh:: muito importante... Né? No/ porque você pode fazer uma redação... Tipo... Mais pra frente... Talvez no enem... E aí... Eu ainda não consigo...

Entrevistador: hm:: produzir... Escrever uma redação... Entendi... Éhh:: como você se sente quando não consegue realizar uma tarefa em sala de aula?

Entrevistado: dependendo da matéria eu peço ajuda pra colega ou professor...

Entrevistador: alguém te ajuda ou já ajudou a superar o problema da escrita?

Entrevistado: já... Os professores... Alguns... Ee:: alguns colegas que eu já pedi ajuda e tal... Tipo...

Entrevistador: hm:: éhh:: o que o professor pode fazer pra te ajudar? Ou pais... Amigos...

Entrevistado: eu acho que... Que...

Entrevistador: incentivar...

Entrevistado: eu acho... Não sei... Tia...

Entrevistador: tudo bem... Qual o seu sonho?

Entrevistado: eu quero ser enfermeira geral...

Entrevistador: o que você gosta de fazer em suas horas vagas?

Entrevistado: eu gosto de ver vídeo no youtube... Essas coisas...

Entrevistador: éhh:: quais são outras dificuldades que você tem na escola?

Entrevistado: eu tenho dificuldade em matemática... Né? E:: em escrever... Acho que só... Assim...

Entrevistador: tá bom...

ENTREVISTADO 6

Entrevistador: éhh:: bom dia... Seu nome completo?

Entrevistado: d.d.l.g. ((abreviatura do nome próprio))

Entrevistador: seu grau de parentesco?

Entrevistado: sou mãe da f. ...

Entrevistador: a sua idade?

Entrevistado: trinta e um...

Entrevistador: éhh:: você estudou até que série?

Entrevistado: terminei...

Entrevistador: ah... Ensino médio completo... Quantas pessoas na sua casa trabalham?

Entrevistado: só eu mesma...

Entrevistador: qual a sua renda familiar? Chega a um salário?

Entrevistado: um salário...

Entrevistador: a:: ... A f. Fora do horário da escola ela fica com quem?

Entrevistado: com a minha mãe e meu pai...

Entrevistador: você acompanha a f. Na escola?

Entrevistado: às vezes... Nem tanto...

Entrevistador: e de que forma você acompanha ela? Você vem até a escola?

Entrevistado: eu venho... Mais é em casa... Acompanho mais é em casa... Porque eu não tenho tempo...

Entrevistador: hm:: você ajuda ela fazer as tarefas de casa?

Entrevistado: às vezes... Às vezes ela/ ela faz só...

Entrevistador: hm: você sabe me dizer se ela tem dificuldade em alguma coisa?

Entrevistado: na/ tem... Na escola sim... Principalmente na aula de matemática ela...

Entrevistador: é... Né? Você acha que é importante saber ler e escrever?

Entrevistado: sim...

Entrevistador: por que? Por que é importante saber ler e escrever?

Entrevistado: ah:: porque é bom... Né? A gente as vezes... Que viajar... Se você não saber ler e escrever é ruim demais...

Entrevistador: ah:: você percebe que seu filho tem dificuldade de escrita?

Entrevistado: acho que sim...

Entrevistador: é... Né? E como você percebeu isso até que "cê" chegou a esse ponto que ela tem dificuldade na escrita?

Entrevistado: porque às vezes ela escreve miúdo... Pequeno... Assim...

Entrevistador: é... Né? Tá bom... O que tu entende sobre a dificuldade de escrita?

Entrevistado: ixi... ((risos)) não sei falar...

Entrevistador: o que foi feito pra ajudar ela na dificuldade de escrita?

Entrevistado: explicando... Conversando com ela...

Entrevistador: éhh:: por que você acha que ela tem tal dificuldade? Por que você acha que ela tem dificuldade de escrita?

Entrevistado: ((risos))

Entrevistador: o que você espera que a escola faça pra que isso melhore? Que a escrita...

Entrevistado: ((inaudível)) tá bom... Tá ajudando bastante...

Entrevistador: o que você espera que ela própria faça? Ela mesma faça?

Entrevistado: ah:: dedicar mais... Né? Aos estudos...

Entrevistador: aham:: éhh:: o que você espera do seu futuro e do futuro da sua filha?

Entrevistado: ahh:: um futuro melhor... O que eu quero pra ela é que ela seja uma doutora... Né? Mas o sonho dela é ser caminhoneira... Aí tá...

Entrevistador: ela fala muito mesmo em ser caminhoneira... Né? Ela já "tá" bem decidida no que ela quer... Aa:: na nossa entrevista ela falou realmente que o sonho dela é ser caminhoneira...

Entrevistado: é... É...

ENTREVISTADO 7

Entrevistador: o seu nome completo?

Entrevistado: E. S. F. ((abreviatura do nome próprio))

Entrevistador: o seu grau de parentesco da J.? você é mãe dela?

Entrevistado: sou mãe...

Entrevistador: éhh:: a:: a sua idade?

Entrevistado: trinta e sete anos

Entrevistador: você estudou até que série?

Entrevistado: estudei até o sexto ano... a sexta série... né? que fala...

Entrevistador: isso... éhh:: quantas pessoas moram aqui em sua casa?

Entrevistado: quatro...

Entrevistador: quatro pessoas... né? qual a sua renda familiar?

Entrevistado: quem trabalha de carteira assinada é só meu marido...

Entrevistador: hm:: e quantas pessoas aqui trabalham?

Entrevistado: três...

Entrevistador: três pessoas trabalham... né? então a renda dos três dá o quê? dois salários? dois e meio?

Entrevistado: dá por aí...

Entrevistador: a J.D. fora do horário de escola ela fica com quem?

Entrevistado: ela fica só em casa... ela cuida da casa...

Entrevistador: hm:: você acompanha a J. na escola?

Entrevistado: acompanho...

Entrevistador: de que forma?

Entrevistado: indo lá ver as notas dela... sou eu que sempre levo... todos os dias... aí ela... pra voltar... ela volta de ônibus... né? porque eu já tô no serviço... não tem como... mas pra ir todo dia eu que levo...

Entrevistador: você ajuda ela a fazer as tarefas de casa?

Entrevistado: não... mas ela/ ela/ eu acompanho ela fazendo... de vez em quando eu olho no quarto ela tá fazendo as tarefas...

Entrevistador: "cê" sabe me dizer se ela tem dificuldade em alguma coisa na escola?

Entrevistado: numa matéria... é?

Entrevistador: isso...

Entrevistado: tem... muito em matemática...

Entrevistador: o que você acha da importância de ler e escrever?

Entrevistado: ah:: é muito importante... é o básico pra pessoa... porque se você não souber ler e nem escrever... gente... aí... se torna tudo mais difícil... né? muito importante...

Entrevistador: éhh:: você percebe se ela tem dificuldade na escrita?

Entrevistado: não... tem não... nas letra... né?

Entrevistador: é... escrever errado... tudo certinho...

Entrevistado: não... tem não...

Entrevistador: o que você entende sobre dificuldade de escrita? o que você entende sobre dificuldade? como é que é a dificuldade de escrita pra você?

Entrevistado: a pessoa que esquece da/ esquece da/ às vezes esquece "duma" letra... troca uma pela outra... e a pontuação... né? que é aqueles... vírgula... isso tudo é...

Entrevistador: entendi... assim... você disse que ela não tem dificuldade de escrita... então não fez nada pra ajudá-la... né? ou a senhora já colocou ela em alguma aula particular ou alguma coisa?

Entrevistado: não... já não... nunca coloquei não...

Entrevistador: você acha que ela tem alguma/ éhh::: o que você espera que a escola faça nas dificuldades que ela tem?

Entrevistado: quê tem uns... já tem uns... de quatro a cinco anos que ela estuda lá... sabe? eu sou muito satisfeita... com o colégio... eu/ eles já fazem muito... as professoras... a diretora... são aquelas pessoas... sabe? muito... assim... se preocupa muito com o aluno... então... eles já fizeram... e até hoje... eles são tudo amigo... demais... sabe? eles se preocupam... ele fica te comunicando... às vezes lá não tem (estudo) aí eles não deixam... eles te ligam... então... pra mim já "tá"...

Entrevistador: ah:: que bom... o que você espera... que a J.D. ((abreviatura de nome próprio)) faça pra superar essa dificuldade que ela tem?

((conversações entre Entrevistado e pessoas presentes no ambiente onde ocorreu a entrevista))

((retomada da entrevista))

Entrevistador: o que você espera... que a J.D. ((abreviatura de nome próprio)) faça pra que supere as dificuldades dela?

Entrevistado: as matérias... né?

Entrevistador: isso... as matérias... na escrita... matemática...

Entrevistado: menina... a matemática dela melhorou demais... com a ajuda dos professores... que/ porque o ano passado ela ficou por causa disso... né? só por causa desse matéria... aí esse ano tá uma maravilha... nota boa mesmo... então... eu passava pra ela... "tem que se dedicar mais... tem que ser mais amiga..." sabe? pra... porque a gente... os colegas... os professores sempre ajuda... né? você sendo humilde... foi o que eu sempre passei pra ela...

Entrevistador: éhh:: o que você espera do seu futuro e do futuro de sua filha?

Entrevistado: ahh:: muitas coisas boas... eu espero que ela se forme... na/ na profissão que ela escolheu... ((inaudível)) tenha sua família...

Entrevistador: hum:: obrigada...

ENTREVISTADO 8

((entrevista realizada por ligação))

Entrevistado: pois não...

Entrevistador: boa noite... éhh:: sou a Loreana... né? do curso de Letras e quero fazer uma entrevista com a senhora... éhh: qual o seu nome completo?

Entrevistado: V.A.M. ((abreviatura de nome próprio))

Entrevistador: éhh:: qual o seu grau de parentesco da L.((abreviatura de nome próprio))?

Entrevistado: ((inaudível))

Entrevistador: você é prima ou é mãe dela?

Entrevistado: não... eu sou mãe dela...

Entrevistador: ah:: "cê" é mãe dela... né? tá bem... éhh:: a sua idade?

Entrevistado: quarenta e dois/ quarenta e cinco...

Entrevistador: a senhora estudou até que série?

Entrevistado: até a quarta série...

Entrevistador: quantas pessoas moram na sua casa?

Entrevistado: só eu e ela...

Entrevistador: éhh:: quantas pessoas na sua casa trabalham?

Entrevistado: aqui... só eu...

Entrevistador: éhh:: qual é a renda familiar da senhora?

Entrevistado: um salário...

Entrevistador: a L. ((abreviatura de nome próprio)) fora do horário da escola ela fica com quem?

Entrevistado: fica ela e uma prima dela... que estuda no mesmo colégio aí...

Entrevistador: éhh:: você acompanha a L. ((abreviatura de nome próprio)) na escola?

Entrevistado: éhh:: quando eu tenho tempo... eu acompanho... né? mas quando... tem vez que eu chego em casa ela não me acha mais... já tem saído já...

Entrevistador: você ajuda ela fazer as tarefas de casa?

Entrevistado: não... quando eu chego ela já tem feito já... eu chego em casa sete e meia...

Entrevistador: ah... entendi... ela já fez... éhh:: você sabe me dizer se ela tem dificuldade em alguma coisa?

Entrevistado: tem...

Entrevistador: hum:: em que mais ou menos a senhora acha que ela tem dificuldade mais? na escola? em casa?

Entrevistado: éhh:: escrever direito... ler...

Entrevistador: hum:: entendi... éhh:: você acha que é importante saber ler e escrever? por que?

Entrevistado: pra melhorar mais...

Entrevistador: entendi... não... tá bom sua resposta... éhh:: você percebe que sua filha tem dificuldade de escrita? sim ou não? você percebeu se ela tem dificuldade de escrever?

Entrevistado: tem...

Entrevistador: tem... né? e como você percebeu? a partir de que momento você percebeu que a L. ((abreviatura de nome próprio)) tinha dificuldade para escrever? desde quando? desde a primeira série? desde que tempo você percebeu que a L. ((abreviatura de nome próprio)) tinha dificuldade de escrever?

Entrevistado: desde quando ela mudou de colégio... nesse ((inaudível)) ela estuda mais direitinho...

Entrevistador: o que a senhora entende sobre a dificuldade de escrita? a senhora mesmo... o quê que a senhora acha sobre a dificuldade de escrita?

((pausa))

Entrevistador: se a senhora não quiser responder a gente passa pra frente...

Entrevistado: hum...

((pausa))

Entrevistador: a senhora não quer optar por essa... né?

Entrevistado: não...

Entrevistador: éhh:: o que já foi feito pra ajudar a L. ((abreviatura de nome próprio)) nessa dificuldade dela?

Entrevistado: ela sempre teve aula de reforço... né? já fez uns exames também... não acusou nadinha...

Entrevistador: hum:: entendi... éhh:: porque você acha que ela tem tal dificuldade? já que foi feito exames e não foi constatado nada... o que você/ porque você acha que ela tem tal dificuldade? o que leva?

((pausa))

Entrevistador: "cê" acha que falta algum interesse ou porque você acha que ela tem algum problema e não foi diagnosticada?

Entrevistado: eu acho que é... porque... os exames que ela fez não acusou nadinha...

Entrevistador: entendi... éhh:: o quê que a senhora espera que a escola faça pra ajudar ela? a desenvolver...

Entrevistado: tem que ter uma professora lá só pra ela... né?

Entrevistador: ter uma professora só pra ela... né? entendi... e o quê que "cê" espera que a L. ((abreviatura de nome próprio)) faça pra se auto desenvolver?

((pausa))

Entrevistado: não entendi...

Entrevistador: o quê que a senhora espera que ela faça... o quê que "cê" espera que a própria L. ((abreviatura de nome próprio)) faça pra se desenvolver mais?

((pausa))

Entrevistador: falta esforço dela ou esforço da escola... nesse sentido?

Entrevistado: acho que ela tem que se esforçar mais... né?

Entrevistador: hum:: entendi... éhh:: o quê que a senhora espera do seu futuro e do futuro dela?

((pausa))

Entrevistador: a senhora tem alguma noção do seu futuro e do futuro dela?

((pausa))

Entrevistador: se ela vai conseguir se formar... se vai ter uma formação... qual é o sonho dela... a senhora já viu com ela qual é o sonho dela de futuro?

((pausa))

Entrevistado: ela disse que o sonho dela é ser manicure... né?

Entrevistador: ah:: sim... o quê que a senhora espera do seu futuro e do futuro dela?

((pausa))

Entrevistador: o quê que a senhora espera do seu futuro e do futuro dela?

Entrevistado: ter um futuro melhor... né?

Entrevistador: hum:: tá certo... obrigada... viu?

Entrevistado: de nada...

Entrevistador: boa noite...

Entrevistado: boa noite...

ENTREVISTADO 9

((entrevista realizada por ligação))

Entrevistado: alô...

Entrevistado: oi... boa noite... éhh: eu falo com L. ((abreviatura de nome completo))?

Entrevistador: sim...

Entrevistador: boa noite... eu sou aluna e estagiária aqui da escola Jorge Amado... e eu gostaria de fazer uma entrevista com você por telefone... se você puder...

Entrevistado: pode falar...

Entrevistador: éhh: qual o seu nome completo?

Entrevistado: L.L. ((abreviatura de nome próprio))

Entrevistador: éhh:: qual o seu grau de parentesco da A. ((abreviatura de nome próprio))?

Entrevistado: sou a mãe dela...

Entrevistador: ahh::

Entrevistado: a sua idade?

Entrevistador: eu tenho trinta e cinco anos... éhh:: quantas pessoas moram em sua casa?

Entrevistado: quatro...

Entrevistador: quantas pessoas em sua casa trabalham?

Entrevistado: só eu e meu esposo...

Entrevistador: éhh:: qual a sua renda familiar?

Entrevistado: eu cuido da minha vó...

Entrevistador: aí você recebe um salário/ uma quantia por isso?

Entrevistado: não... não é um salário não...

Entrevistador: éhh:: né? mas juntando o valor seu e do seu esposo... chega a dois salários? um e meio?

Entrevistado: não... chega não... dois salários não...

Entrevistador: chega a um e meio?

Entrevistado: não... chega não...

Entrevistador: ah... sim... a A. ((abreviatura de nome próprio)) fora do horário de escola ela fica com quem?

Entrevistado: ela fica comigo...

Entrevistador: éhh:: você acompanha ela na escola?

Entrevistado: muito não... por causa da minha avó... porque eu não posso deixar ela só...

Entrevistador: hum:: entendi... você ajuda ela fazer as tarefas de casa?

Entrevistado: não... ela se vira sozinha na internet...

Entrevistador: entendi... você sabe me dizer se além da dificuldade de escrita ela tem alguma outra dificuldade?

Entrevistado: matemática...

Entrevistador: você acha que é importante saber ler e escrever?

Entrevistado: muito... pra mim é tudo...

Entrevistador: muito... né? entendi... você percebe que a sua filha tem dificuldade de escrita?

Entrevistado: a A (abreviatura de nome próprio)) não... mas a outra... são duas...

Entrevistador: o que você entende sobre dificuldade de escrita?

Entrevistado: é... assim... troca as palavras/ as letras... faz tudo errado... a minha menorzinha é desse jeito... que eu não consigo entender a letra dela pra responder as tarefas... agora a da A. ((abreviatura de nome completo)) eu já entendo...

Entrevistador: éhh:: o que você espera que a escola faça para que melhore essa dificuldade?

Entrevistado: é ter reforço... ter reforço pra ela... porque ela tem muita dificuldade com matemática...

Entrevistador: e o que você espera que ela mesma faça?

Entrevistado: se esforce mais... o tempo que tá em casa... invés de "tá" na internet... estudar mais... ler mais... é muito importante...

Entrevistador: o que você espera do seu futuro e do futuro de sua filha?

Entrevistado: eu espero que a minha filha termine o grau de escolaridade dela... ee:: se profissionalize... faça cursos... pra ela melhorar... que eu dou meu exemplo pra ela... que eu não terminei meus estudos... e hoje eu dou duro... ralo muito... pra/ porque eu não terminei meus estudos... não tenho um emprego bom... porque eu não terminei meus estudos... eu falo isso sempre pra ela... o estudo ele é tudo na vida... o estudo ninguém vai tirar dela... né? quando ela terminar... vai ser pra ela a vida toda...

Entrevistador: entendi... a senhora estudou até que série?

Entrevistado: só até o nono... e me arrependo amargamente...

Entrevistador: tá bem... tá bem... obrigada... viu? boa noite...

ENTREVISTADO 10

((entrevista realizada por ligação))

Entrevistado: alô...

Entrevistador: oi... bom dia... éhh:: S. ((abreviatura de nome próprio))?

Entrevistado: não... é a Márcia...

((saudações cordiais))

Entrevistador: seu nome completo?

Entrevistado: M.G.C. ((abreviatura de nome próprio))

Entrevistador: éhh... seu grau de parentesco da R. ((abreviatura de nome próprio))?

Entrevistado: mãe...

Entrevistador: éhh:: a sua idade?

Entrevistado: trinta e seis anos...

Entrevistador: você estudou até que série?

Entrevistado: ensino superior incompleto...

Entrevistador: quantas pessoas moram com você?

Entrevistado: quatro...

Entrevistador: quantas pessoas em sua casa trabalham?

Entrevistado: uma...

Entrevistador: qual a sua renda familiar em média...

Entrevistado: mil e oitocentos...

Entrevistador: a R. ((abreviatura de nome próprio)) fora do horário de escola ela fica com quem?

Entrevistado: comigo... ((inaudível))

Entrevistador: você acompanha ela na escola?

Entrevistado: sim...

Entrevistador: éh::: de que forma?

Entrevistado: com as tarefas em casa... vou ao colégio ver como é que tá o rendimento dela... vou a escola... e "tô" sempre acompanhando aqui através dos cadernos...

Entrevistador: ahh: então você ajuda ela realizar as tarefas em casa?

Entrevistado: sim...

Entrevistador: você sabe me dizer se ela tem dificuldade em alguma coisa?

Entrevistado: ela tem dificuldade na escrita?

Entrevistador: éhh:: você acha que é importante saber ler e escrever? por que?

Entrevistado: muito... muito importante... porque assim... no mundo que nós vivemos não dá pra ficar sem saber ler e escrever...

Entrevistador: éhh:: você percebe que sua filha tem dificuldade de escrita?

Entrevistado: sim... percebo quando ela faz redação... eu percebo que ela troca algumas palavras... às vezes escreve faltando letras... eu sempre "tô" acompanhando ela quando ela escreve...

Entrevistador: o que você entende sobre dificuldade de escrita?

Entrevistado: quando a pessoa não faz um texto com coerência... e quando a pessoa... escreve incorreto as palavras... as vezes troca o 'n' pelo 'm'... coloca a palavra incompleta... na frase...

Entrevistador: e o que você faz pra ajudar ela nas suas dificuldades?

Entrevistado: incentivo a leitura e a fazer redação...

Entrevistador: éhh::: porque você acha que ela tem tal dificuldade?

Entrevistado: pouca leitura... e escreve pouco também... ((inaudível))

Entrevistador: o que você espera que a escola faça pra que isso aconteça?

Entrevistado: a escola incentiva muito... a escola já faz um trabalho... ((inaudível)) claro... a escola sempre pode fazer mais... mas eu ainda acho que a escola é capaz de (incentivar).

Entrevistador: o que você espera que ela própria faça para que se desenvolva?

Entrevistado: que ela se interesse mais pela leitura... para que ela possa melhor escrever...

Entrevistador: tá bom... o que você espera do seu futuro e do futuro dela?

Entrevistado: espero que ela faça uma faculdade... que ela ((inaudível))... que só através do estudo ela vai conseguir...

Entrevistador: tá bom... eu agradeço... viu? obrigada... bom dia!

ANEXO II. TRANSCRICOES DAS ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
ALUNOS: LORIANA SOARES DA SILVA ARRUDA MELO
DOCENTE: THELMA PONTES BORGES

**INSTRUMENTAL I – ENTREVISTA COM PAIS OU RESPONSÁVEIS DOS
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

1. Nome de quem está sendo entrevistado?

2. Grau de Parentesco

() Pai

() Mãe

() Tio (a)

() Avo (a)

Outros _____

3. Idade da pessoa entrevistada.

Estudou até que série?

4. Quantas pessoas Moram na casa?

5. Quantas pessoas em sua casa trabalham?

6. Qual sua renda familiar?

7. A criança, fora do horário da escola, fica com quem?

8. Você acompanha seu filho na escola?

() Sim

() Não

De que forma?

9. Você o ajuda a fazer as tarefas em casa?

10. Você sabe me dizer se ele tem dificuldades em alguma coisa?

11. Você acha que é importante saber ler e escrever? Por que?

12. Você percebe que seu filho tem dificuldades de escrita?

() Sim

() Não

Como percebeu?

13. O que você entende sobre dificuldades de escrita?

14. O que foi feito para ajudá-lo?

15. Por que você acha que ele tem tal dificuldade?

16. O que espera que a escola faça?

17. O que espera que ele faça?

18. O que espera do seu futuro? E de seu filho?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
ALUNOS: LORIANA SOARES DA SILVA ARRUDA MELO
DOCENTE: THELMA PONTES BORGES

**INSTRUMENTAL II – ENTREVISTA COM ALUNO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Caro(a) aluno(a),

Contamos com a sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, pois suas respostas contribuirão de forma significativa para a minha formação como futuro(a) professor(a) de língua portuguesa.

Idade ____ (anos) **Sexo** ____

Nome: _____

Mora com quem (pai, mãe, vó, vô, tios):

Qual o nome do setor em que mora:

Qual a profissão dos seus pais:

1. Você tem dificuldades para aprender? Me explique como são suas dificuldades?
- 2- Seus pais sabem ler e escrever? O que eles acham da sua dificuldade?
- 3- Qual a importância da escrita para você?
4. Como você se sente quando não consegue realizar as tarefas de sala de aula?
5. Alguém te ajuda ou já ajudou para superar o problema de escrita? Como?
6. O que o professor pode fazer para te ajudar? E os amigos? E os pais?
7. Qual o seu sonho? O que quer ser quando estiver adulto?
8. O que você gosta de fazer, em suas horas vagas?
9. Quais outras dificuldades você tem na escola?
10. Faça um desenho e conte uma história de alguém que tenha dificuldades para escrever: